

2018

PROGRAMA EDUCATIVO

INSTITUTO FIGUEIREDO FERRAZ

Foto da capa:

MIGUEZ, Fábio (São Paulo, 1962)

Sem título, 1991

óleo e cera sobre tela

200 x 230 cm

João Carlos de Figueiredo Ferraz

Presidente

Alcebíades Junqueira

Diretor Administrativo

Rejane Cintrão

Coordenação Geral

Vivian Kawasima

Administrativo Financeiro

Carlos Alexandre Silva Rodrigues

Gestão de Acervo

Carlos Evangelista

Assistente de Manutenção

Sandra Bisco

Agendamento

Autores:

Vera Barros

Coordenação do Educativo

Caroline Heldes

Gil Neto

Ingrid Ostan

Pedro Toledo

Juliano Bernardo Pereira de Souza

Arte-educadores



VIOLETA

ANIL

AZUL

VERDE

AMARELO

LARANJA

ERREVE





Quando iniciamos o nosso programa educativo, em 2011, ainda muito timidamente, nós já tínhamos a pretensão de ser um diferencial na formação cultural da cidade e região de Ribeirão Preto. Começamos com uma visitação de 135 alunos no primeiro ano e hoje, sete anos depois já alcançamos a marca dos 4.500 alunos neste ano de 2018. Entendemos também que, além dos alunos, é muito importante a formação dos professores e para tanto já organizamos em nosso auditório vários encontros com a presença de 1.784 professores. É um trabalho lento, cuidadoso e delicado que aos poucos mostra a sua importância na formação destas pessoas. Quero compartilhar o resultado deste trabalho com as empresas que nos apoiam e que tornam tudo isto possível: O Instituto Itaú Cultural e o grupo açucareiro Tereos. Obrigado a ambos pelo estímulo e confiança.

João Carlos de Figueiredo Ferraz

Presidente

#iff2018

Uma coleção de arte contemporânea, como a nossa, é sempre ampliada por novos trabalhos que vão formando seu acervo. Para que a coleção seja apresentada no Instituto Figueiredo Ferraz a cada ano, convidamos curadores diferentes que, num recorte desta coleção, apresentam suas exposições. O olhar do curador, os diálogos propostos e os discursos entre as linguagens determinam a escolha das obras. Neste processo nem todas são selecionadas ficando guardadas, por um motivo ou outro, obras expressivas da coleção.

Nesta exposição partimos de duas premissas: mostrar as aquisições mais recentes e privilegiar aqueles trabalhos que nunca ou que poucas vezes foram mostrados.

Por esta razão, *#iff2018* não aborda um tema ou uma questão específica, nos indicando várias possibilidades e caminhos que a produção contemporânea nos oferece, a partir do olhar de um colecionador e pensada por um colecionador.

A exposição foi concebida em pequenos grupos a partir de afinidades formais, temáticas, técnicas, ou ainda poéticas entre as obras. Organizados por salas ou paredes, esses grupos propõem alguns entre os inúmeros diálogos possíveis desta seleção, que abrange apenas um percentual de toda coleção.

Algumas obras foram remontadas como as instalações *A Espera*, de Gisela Motta e Leandro Lima, e *Metade da Fala no Chão - Piano Surdo*, de Tatiana Blass (apresentada pela primeira vez na 29ª Bienal Internacional de São Paulo), muito apreciadas quando expostas anteriormente no IFF, além dos trabalhos em exposição permanente de Iole de Freitas e Marcius Galan.

Esperamos com isso trazer mais informações sobre a arte contemporânea, abrindo a possibilidade de apreciação do que de mais novo acontece no nosso cenário das artes visuais.

#iff2018 : uma proposta compartilhada

Em 1988, Aracy Amaral deu uma palestra no MoMA em Nova York intitulada *O Curador como Estrela* onde falava sobre o surgimento desse profissional no meio artístico, cuja personagem estava se tornando tão importante e decisiva na organização de exposições, que sua figura poderia ser comparada à de um diretor de cinema.

A palestra da historiadora, que dirigiu a Pinacoteca do Estado de SP nos anos 70 e O MAC-USP nos anos 80, previu o que aconteceria no Brasil a partir dessa década que foi, justamente, o enaltecimento da figura do curador no meio artístico. Quase nenhuma mostra é realizada hoje em dia sem que haja um curador. De fato, é ele quem define o conceito que reúne as obras em uma exposição, estabelecendo os diálogos possíveis entre elas, sempre com o objetivo de tornar sua compreensão mais acessível ao público visitante. Por esta razão, todas as mostras realizadas no IFF desde sua abertura têm contado com diversos curadores que anualmente trazem seus olhares e pontos de vista sobre a coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz, abrigada pelo Instituto, e sobre a produção contemporânea brasileira.

A exposição *#iff2018* propôs uma ação diferente sobre a coleção. Nela, o olhar da equipe, em conjunto com o colecionador, que trabalham diariamente com as obras e com o público que a visita, sugeriu diferentes diálogos entre os trabalhos, expostos em pequenos grupos e buscando privilegiar aqueles que nunca haviam sido mostrados no IFF. Tratou-se de um projeto realizado coletivamente, por meio de um conceito compartilhado, mais do que uma curadoria temática ou cronológica, onde diretoria, coordenação, educativo, comunicação e museologia participaram ativamente desde a idealização à montagem e ações educativas, sempre tendo as obras como os personagens principais da exposição e o público como nosso mais importante espectador.

Rejane Cintrão
Coordenadora

O Instituto Figueiredo Ferraz configura-se como um caso lindamente exemplar dentro do nosso panorama artístico. Em primeiro lugar porque nasceu entorno de uma excepcional coleção de arte contemporânea brasileira, montada a partir de aquisições cuidadosamente selecionadas feitas João Carlos de Figueiredo Ferraz. Não bastasse seu conhecimento profundo do assunto, seu olhar sensível, aperfeiçoado por anos de pesquisa e convivência com obras e os artistas responsáveis por elas, João Carlos, ao lado de sua esposa, Dulce, numa demonstração de generosidade ilimitada e afinado com um espírito público raro nos dias de hoje, construiu um prédio para essa coleção, um respeitável centro de artes, e ofertou-o à comunidade onde vive, Ribeirão Preto, juntando a sua força econômica seu potencial como polo de atração turística, já que para lá, graças ao Instituto, hoje acorrem pessoas de todo país e de fora dele.

Agnaldo Farias

Professor, curador e crítico de arte.

O Instituto Figueiredo Ferraz é fruto da paixão de João Carlos pela arte contemporânea. É sempre um prazer conversar sobre arte com ele e compreender as motivações de suas escolhas. Seu olhar apurado tem se aproximado da arte mais recente desde os anos de 1980. A coleção do IFF traz peças exemplares e com ela é possível contar parte significativa da história da arte no Brasil.

Cauê Alves

Professor e Curador Geral do Museu Brasileiro da Escultura - MuBE

A criação do Instituto Figueiredo Ferraz, por Dulce e João Carlos, foi uma ação de importância e pioneirismo inéditos no Brasil e na região em que se situa. Dar visibilidade à arte, torna-la pública, - um bem público -, vai além do seu sentido de oferecer conhecimento. Nos torna também mais cidadãos e mais humanos. Os frutos dessa ação e de seu serviço educativo se farão maiores a cada dia que passa e se tornarão, também por isso, incontornáveis.

Paulo Pasta

Artista

O Interior faz a diferença!

O interior faz a diferença sim! Povoar culturalmente o interior do Estado possuidor de mais habitantes que a Argentina, que tem uma capital, plena de eventos impossíveis de acompanhar pelo excesso de ofertas, faz com que os eventos que ocorrem nas cidades menores tenham encanto peculiar. Pela calma para se acessar aos espaços, e pelo cuidado de suas apresentações.

É o caso específico do Instituto Figueiredo Ferraz, em Ribeirão Preto, que abriga um acervo permanente além de apresentar exposições temporárias cuidadas por sua equipe de coordenadores.

Um dos pontos altos desse Instituto está, sem dúvida, em seu Programa Educacional, responsável por 60% de sua visitação por escolares da região.

Esse trabalho, projetado para o futuro, forma igualmente professores, iniciando-os na compreensão e fruição da arte contemporânea, através da coleção de Figueiredo Ferraz e suas várias exposições.

Em nosso país, tudo o que é educativo significa trabalho de desbravamento, digno de apoio e reconhecimento.

Aracy Amaral

Curadora e Crítica de arte

Diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC/
USP (1982-1986)

Diretora da Pinacoteca do Estado de São Paulo (1975 - 1979)

Acredito que o Instituto Figueiredo Ferraz representa como poucos lugares a possibilidade de trabalho cultural amplo, continuado e de excelência fora das grandes capitais dos Estados. A meu ver, seus pontos fortes, que poderiam inspirar muitas outras iniciativas, são: arte excepcional, espaço adequado e convidativo, educação e mediação como prioridade.

Paulo Miyada

Curador chefe do Instituto Tomie Ohtake

- 12** **Apresentação**
Vera Barros
- 14** **Programa de Visitação IFF**
Nossa Trajetória
- 20** **Sobre o Educativo IFF**
Diálogos com a Curadoria
Experiências em arte-educação
- 27** **Exercícios de Arte**
- 32** **Arte-educadores e Projetos Autorais**
Sem Título, Ingrid Ostan
Complexos imagéticos em lugares da memória, Caroline Heldes
Penso que sinto, sinto que penso, Gil Neto
Tempo, processo e matéria, Pedro Toledo
O enigma do sonho na arte, Juliano Bernardo

48

Diversidade de Público

Crianças
Ensino Médio
Ensino Superior e Ensino técnico
ADEVIRP
Visitação espontânea

62

Parcerias

Secretaria Municipal da Educação de Ribeirão Preto
Secretaria Estadual de Educação e Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE
ETEC Prof. Alcídio de Souza Prado - Orlandia/SP
Escola Arte do Museu
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto - SBPRP

74

Exposições Temporárias

80

Conversas Sobre Arte

84

Referências Bibliográficas

Apresentação

O projeto pedagógico, realizado tanto para a exposição anual *#iff2018*, quanto para as 9 exposições temporárias, me fez pensar porquê 107 artistas despertaram interpretações de inúmeros estudantes e visitantes em geral, quando a vida nesse início de século é uma explosão de estímulos "sequestrada" continuamente por dispersões inevitáveis e inexoráveis. Procuramos estimular os estudantes a formarem suas próprias opiniões, pensando com suas próprias cabeças porque é muito importante conhecer, a partir das obras de arte, o que a realidade esconde. Os artistas produziram indagações e reflexões, que os levaram a pensar sobre o lugar deles e dos artistas no mundo. Isso porque apresentaram obras de arte que os colocaram em primeiro plano, como protagonistas para que produzissem significados, exercitassem o olhar, a contemplação e a linguagem colocando seus diferentes pontos de vistas.

Creio que perceberam que cada uma das obras de arte não tinham um único sentido, mas despertaram diferentes interpretações. Cada interpretação disse alguma coisa, mas, no fundo, enxergou algo que a outra não viu.

O diálogo entre as obras de arte os estimularam a ter uma experiência sensível e transcendente, além do pragmatismo da educação voltada primordialmente para o mercado de trabalho, com uma vivência que privilegiou valores humanísticos e universais.

Sem dúvida, os artistas criaram obras de arte que possibilitaram uma compreensão poética e crítica da vida, além da revolução digital 4.0 e da quarta revolução industrial que estamos vivendo.

O mundo está à disposição dos artistas contemporâneos. Para eles, o mais importante não é só representar a realidade, mas, apresentar questões fundamentais sobre vida e sobre a própria arte para que as pessoas possam ampliar concepções do mundo e ter uma experiência estética em tempo real, para produzir significados afetivos e efetivos, micros poéticos e micros políticos. Alguns, nutriram-se de pesquisas e revisões, principalmente, sobre a rica história da arte moderna brasileira, a reinventando e a atualizando para inseri-las no século XXI.

Foi um privilégio que a equipe pode conhecer e registrar a visita de 7.911 visitantes em 2018. Percebi que a arte possibilita refletir, livremente, sobre questões de identidade, da existência e principalmente sobre o exercício da alteridade, ou seja, a capacidade de reconhecer o outro como fonte de conhecimento e reconhecimento. O que quer dizer a palavra diferença? Afinal, o que nos torna iguais é somente porque somos todos diferentes. O IFF tem como uma de suas missões ser um campo de Inter humanidades que deseja possibilitar novas relações sócio culturais. Afinal, o mundo está mudando, se tornando mais complexo, cheio de vozes com diferentes possibilidades de vivê-lo. Diante deste mundo hostil do início do século XXI e de uma realidade, há inúmeras visões de mundo e representações falseadas pelas mídias, quando não mais importam os fatos, mas apenas o que se fala deles.

Gostaria de agradecer, neste ano, aos estudantes, professores, coordenadores pedagógicos, visitantes e a todos os parceiros do IFF que nos visitaram por nos proporcionarem uma experiência que nutriu nosso projeto pedagógico, nos atualizaram e nos oxigenaram neste início do século XXI tão complexo.

Acredito que este ano foi especialmente muito instigante, desde a inauguração do IFF, em outubro de 2011 que já recebeu 42.494 visitantes até hoje.

Aguardem. Porque em 2019 teremos uma exposição durante todo ano, fazendo uma revisão histórica da produção dos anos 1980 com obras da Coleção IFF, que será inaugurada no dia 23 de março, com curadoria do Rafael Vogt. Além, como sempre de exposições temporárias.

Muito obrigada.

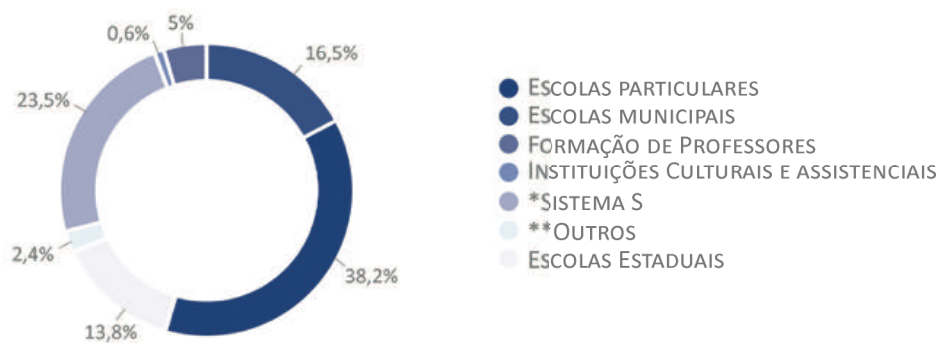
Vera Barros
Coordenadora do Educativo

Programa de Visitação IFF:

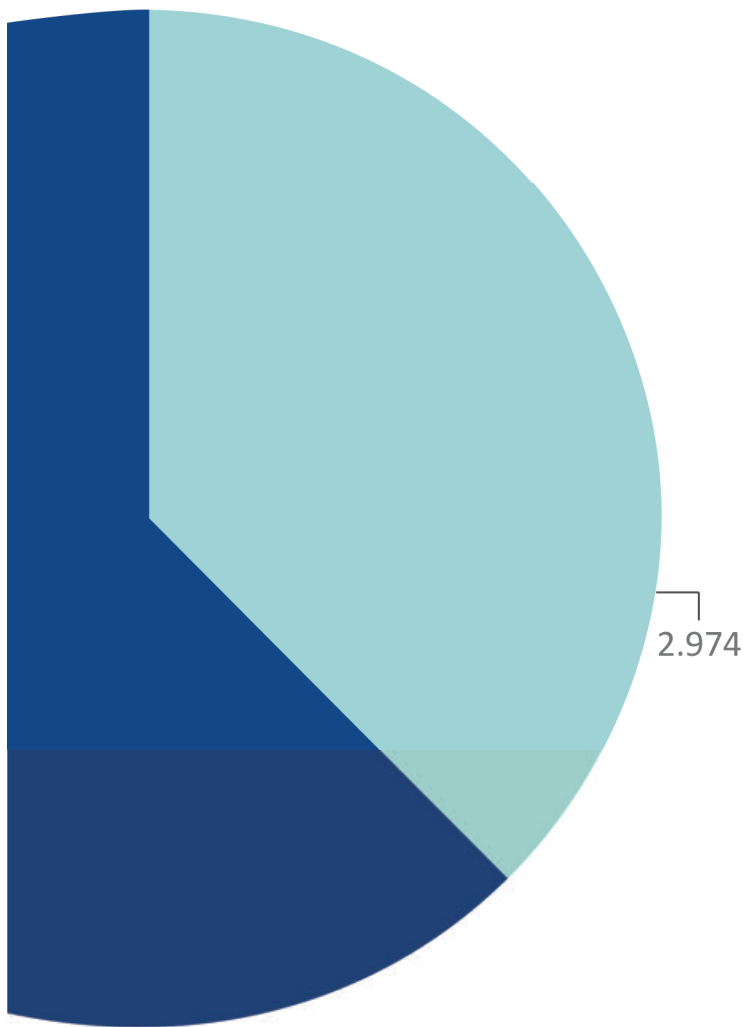
Total de
7.911
Visitantes em 2018.

4.937

NÚMERO DE VISITANTES
DO PROGRAMA EDUCATIVO
EM 2018.



*SESI, SENAC E SESC.



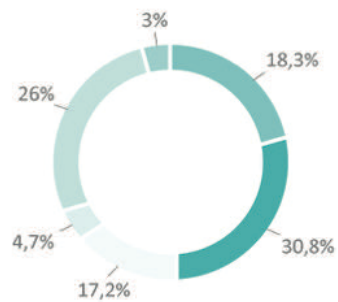
- ESCOLAS PARTICULARES ●
- ESCOLAS MUNICIPAIS ●
- **OUTROS ●
- *SISTEMA S ●
- INSTITUIÇÕES CULTURAIS E ASSISTENCIAIS ●
- ESCOLAS ESTADUAIS ●

PERFIL DE VISITANTES
PROGRAMA EDUCATIVO 2018.



0-6 anos	1%
7-10 anos	14%
11-14 anos	38%
15-17 anos	30%
Acima de 18 anos	16%
60 anos ou mais	1%

NÚMERO DE VISITAS
AGENDADAS EM 2018.



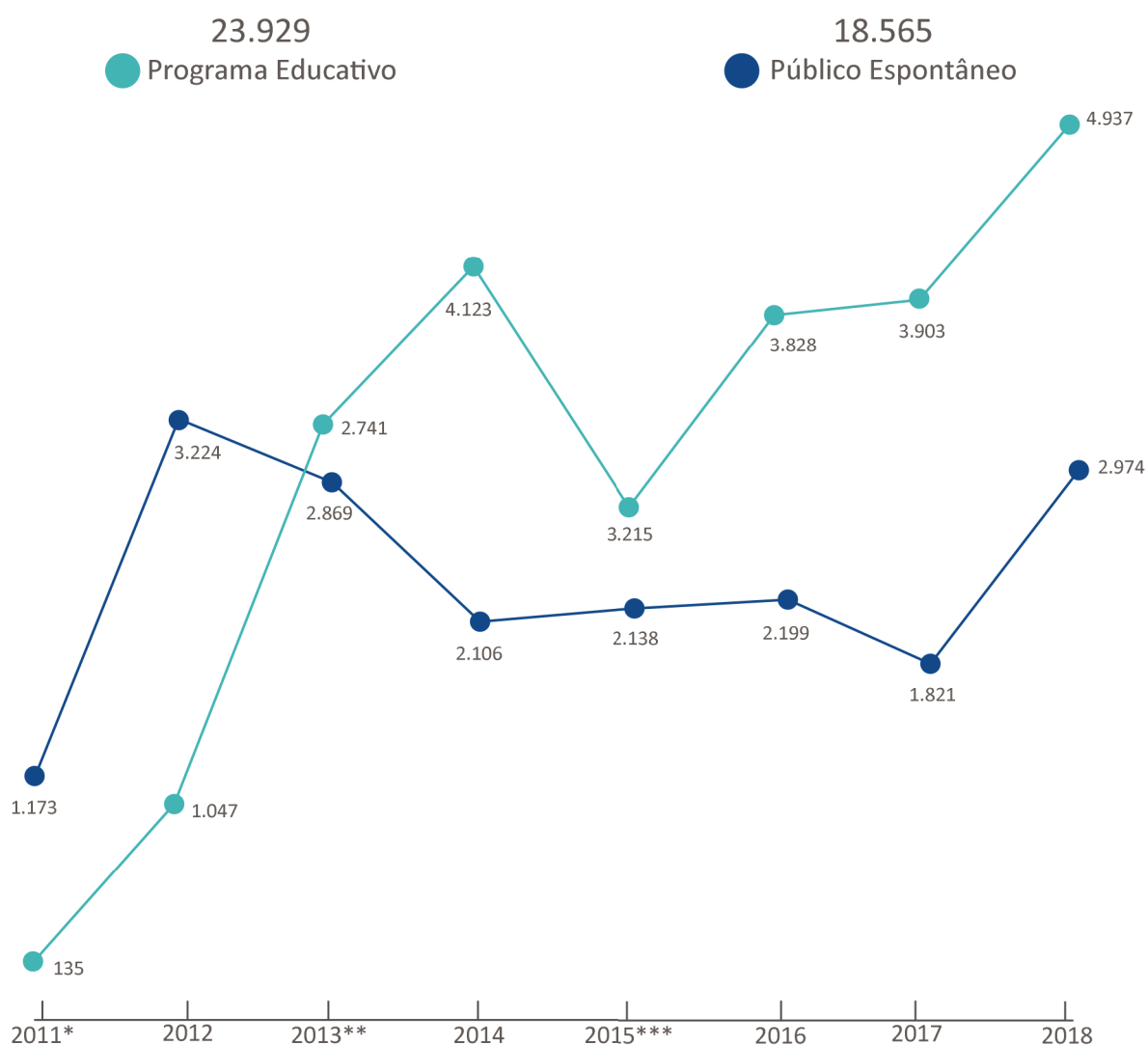
*SESI, SENAC E SESC.

**INCLUI EMPRESAS, GRUPOS INDEPENDENTES E UNIVERSIDADES.

Nossa trajetória

42.494

Visitas às 36 exposições temporárias e 7 de longa duração

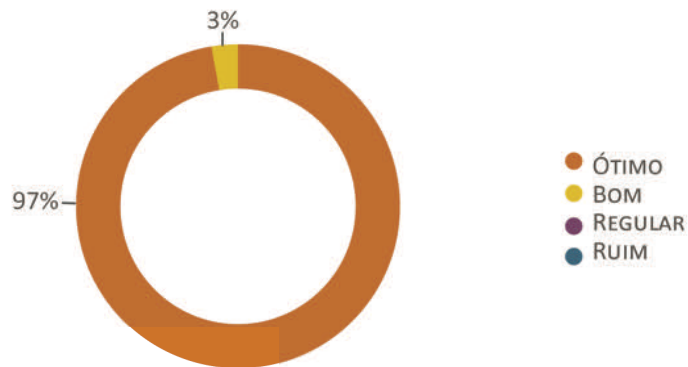


*O Instituto Figueiredo Ferraz foi inaugurado em Outubro de 2011.

** Ano em que foram iniciadas as parcerias com as Redes Municipal e Estadual de Educação.

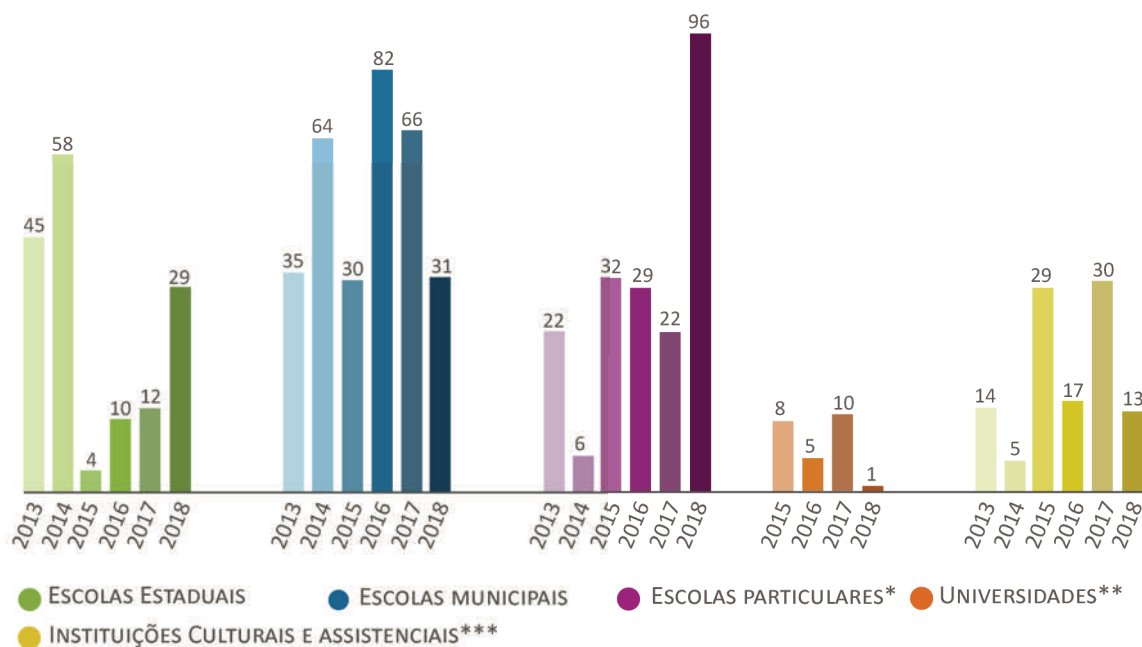
***Ano em que o Governo do Estado interrompeu a parceria.

OPINIÃO DOS PROFESSORES SOBRE AS VISITAS DE SEUS ESTUDANTES ATÉ 2018



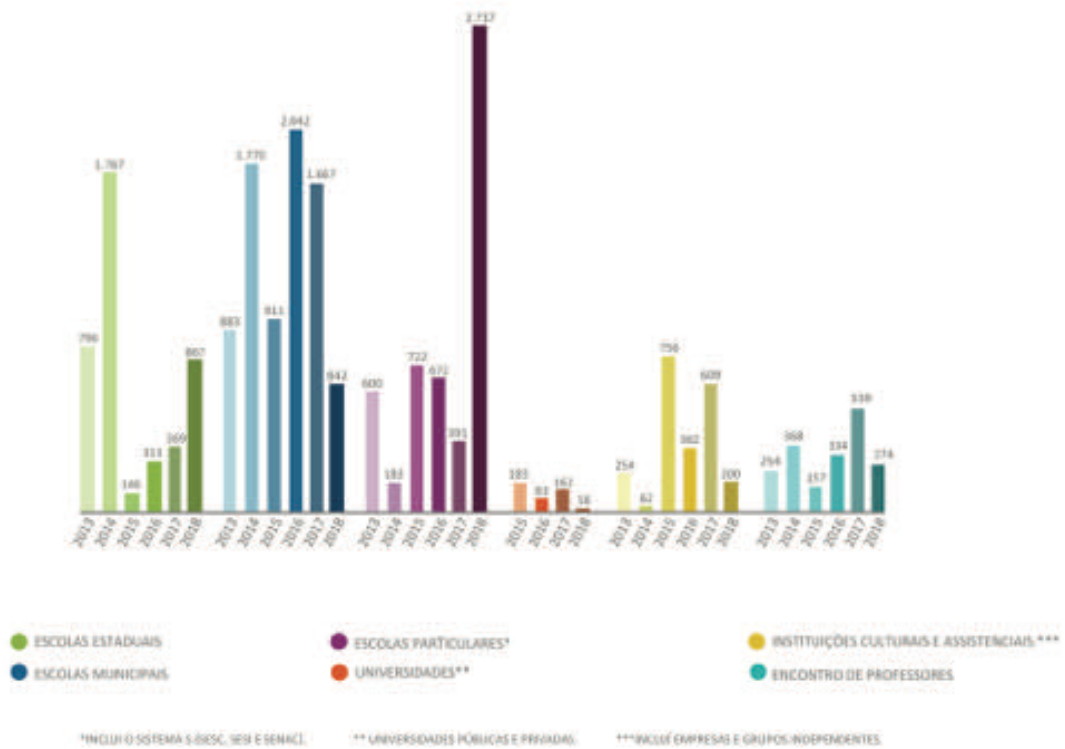
A ficha de avaliação é um importante documento que está inserido nos procedimentos para o agendamento escolar. É preenchido por cada professor que acompanha os estudantes durante o programa de visitação agendada.

HISTÓRICO DE VISITAÇÕES NÚMERO DE VISITAS AGENDADAS



*INCLUI O SISTEMA S (SESI, SENAI E SESC). **UNIVERSIDADES PÚBLICAS E PRIVADAS ***INCLUI EMPRESAS E GRUPOS INDEPENDENTES

NÚMERO DE VISITAS





Sobre o Educativo IFF

“Pode-se dizer que há uma escrita sobre a arte, uma escrita da arte, uma escrita na arte, uma escrita diante da arte ou uma escrita sob a arte. Mas também pode-se dizer que há uma arte sobre a escrita, uma arte da escrita, uma arte na escrita, uma arte diante da escrita ou uma arte sob a escrita.” **Bernardo Ortiz** (Colômbia, 1972), artista.

A elaboração das visitas pelos arte-educadores têm como foco o perfil do grupo visitante, o que demanda uma diversidade de abordagens, planejadas de forma específica. Para isso, é necessária autonomia da equipe em todo o desenvolvimento do trabalho.

Pautados em textos, livros, filmes e outros tipos de conteúdo, a escolha da temática é feita de forma coletiva, buscando o melhor meio de introduzir as referências no atendimento. Essa dinâmica viabiliza a criação de novos materiais de abordagem, que enriquecem a experiência educativa, ampliam possibilidades de apreciação das obras de arte e também ficam a disposição para serem revisitados posteriormente.

Os atendimentos nunca são iguais. A vivência no IFF — em contato com os arte-educadores, com o espaço, os materiais e as obras de arte — pode gerar novos questionamentos, considerando suas respectivas referências pessoais e pontos de vista. Como mediadores, é preciso saber como levar a discussão, sem estar preso ao planejamento inicial, mas também sem perdê-lo completamente de vista.

A visita não deve ser um momento onde as pessoas apenas recebam informações, mas sim de elaboração de ideias. Para conseguir desenvolver todas as potencialidades do processo educativo, é preciso garantir que exista, também autonomia dos visitantes que, recebendo um atendimento direcionado a suas especificidades, sintam-se mais criativos, com maior disposição para se relacionar com as obras e dividir suas impressões com o grupo.

O ponto chave de todo o trabalho é a relação de troca de conhecimento que acontece diariamente, construída em conjunto com a grande diversidade de público atendido pelo IFF.

Gil Neto e Caroline Heldes, arte-educadores



“É muito importante que o arte-educador observe com atenção cada ponto da visita, com o objetivo de estar sempre consciente dos próprios movimentos. Quero dizer que não basta só colocar as abordagens do projeto em prática, é preciso pensar sobre elas a todo o momento, enquanto estão sendo feitas, considerar o comportamento dos visitantes, para que seja feito sempre um refinamento no trabalho, que será melhor a cada visita. Testar novas formas de colocar as palavras para cada tipo de público, desde o primeiro contato, na marquise do IFF, repensar os momentos nos quais pode-se introduzir informações ou quando deixá-los em dúvida, tudo isso contribui para que o trabalho diário se torne cada vez mais vivo.

A compreensão destes aspectos das experiências individuais e coletivas dos grupos atendidos exigiu que eu, como arte-educadora, me colocasse à disposição do não saber. Mudar de ideia, esquecer velhas formas, criar espaço para ver as obras de arte do território¹ sob novas

1 Conjunto de obras de arte selecionadas pelo arte-educador dentro de uma área determinada

perspectivas, não só agregando o olhar do outro, mas o exercício de despir-me das minhas próprias referências, do saber concreto e partir do zero, todos os dias, rumo ao desconhecido.

Passar adiante o sentimento de aceitação da incerteza, da dúvida e ainda para além da resignação: o fascínio pelo mistério das coisas, fez com que os visitantes se identificassem e se abrissem também para a perplexidade diante das obras de arte, que ousassem ver o que ainda não havia sido visto e se arriscassem a criar novas poéticas e significados.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Alguns grupos de estudantes chegam mais introspectivos, tímidos, e por isso a conversa inicial acaba por ficar menos fluída, mais superficial, limitando a troca de ideias.

do espaço da exposição #iff2018 — coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz —, para serem objeto de pesquisa na criação do projeto autoral e desenvolvimento das atividades do Educativo ao longo do ano de 2018.



Quando isso acontece é importante tentar fazer com que o grupo se expresse. Pensando sobre esse assunto e de como realizar essa interação entre eles, criei o exercício do sapato como um ser animado. O exercício inicia-se com todos sentados em roda, esticando os pés em direção ao centro e olhando para os sapatos; em seguida imagina-se que os sapatos criaram vida e saíram dos pés de seus respectivos donos. Nesse momento perguntas são introduzidas para que o pensamento seja exercitado, perguntas como: - Eles estão andando juntos ou foi um pé para cada lado? Aonde eles foram? O que eles encontraram? O que aconteceu? Como estava o clima? E dessa maneira uma narrativa se desenvolve, a qual pode ser individual ou se transformar em uma narrativa coletiva.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

Diálogos com a curadoria

“Ao adentrar o prédio do Instituto Figueiredo Ferraz, na primeira sala expositiva, encontrava-se a instalação *Da cor da corda* (2015), da artista Amélia Toledo (São Paulo–SP, 1926-2017). A obra é interativa e funcionava como um imenso e colorido bem-vindo aos expectadores. Foi possível ver desaparecer uma barreira de insegurança e constrangimento, muito comum nos “visitantes de primeira viagem”, ao permearem as cordas em tons de azul, roxo e verde. A obra se abre para quem se abre para ela. Convida, apresenta possibilidades, o corpo dança por entre as cordas e toda a obra dança junto, imitando os movimentos de cada um. Ela tem o poder de imergir as pessoas em suas cores e texturas, funcionando como um excelente início de uma experiência corporal e estética que se desenvolvia

por toda a visita ao IFF. Muitas vezes as pessoas voltavam a transpassá-la, inventavam motivos, testavam as cores, experimentavam novas sensações.

A instalação se tornou um momento importante da visita, sendo incorporada por todos os educadores, que puderam criar, cada um à sua maneira, novas propostas de experiências que seriam aprofundadas em outros momentos com os visitantes. Também foram pensadas em conjunto, algumas abordagens específicas², como a realizada com a Associação de Deficientes Visuais de Ribeirão Preto e uma experiência sensorial com a venda, proposta ao grupo de visitas continuadas da Sociedade Brasileira de Psicanálise.”

Caroline Heldes, arte-educadora.

"O IFF tem inaugurado o currículo cultural de centenas de crianças, adolescentes e adultos. Para muitos, é a primeira instituição cultural de arte que conhecem em suas vidas. O IFF tem se transformado em um lugar privilegiado para o diálogo com a cultura contemporânea e para a construção de vida pública comum, poderia dizer, civilizatória." **Vera Barros, coordenadora do Educativo.**

"A instalação *Da cor da corda* (2015), da artista Amélia Toledo (São Paulo – SP, 1926 - 2017), ocupava completamente uma sala da exposição #iff2018. Sua dimensão gerava espanto e dúvidas nos observadores. Para muitos esse era o primeiro contato com uma obra onde o diálogo com o espaço arquitetônico transforma o ambiente.

Ainda não familiarizados com o termo “instalação”, procurei compará-la com pinturas e fotografias com as quais

² Relatos completos nas páginas 58 e 71 desta publicação.

poderiam possuir, ou que tinham visto em outros museus e exposições.

Desde então apresentava questões centrais e palavras-chave do território que pesquisei como, por exemplo, frontalidade, movimento e cromatismo.

Propunha exercícios em que os visitantes observassem a instalação de diferentes maneiras ao utilizar o próprio corpo para criar experiências e sensações. Diferente de algumas obras do meu campo de pesquisa, *Da cor da corda* (2015) não exigia frontalidade no olhar e permitia aos observadores caminhar em seu perímetro, e que mesmo estática, cria-se sensações de movimento. Em um primeiro instante, não revelava que ela permitia interações físicas e podia ser permeada. Era muito comum os visitantes exteriorizarem a ansia de ter a experiência de transpassá-la.

Chegava então o momento de revelar que podia-se atravessar o espaço por entre a obra sem um percurso definido. Eles deixavam de ser apreciadores e passavam a participar ativamente dela.

Algumas pessoas manifestavam predileções por trajetos a partir das diferentes tonalidades.

As reações foram diversas. Muitas vezes comparavam com a sensação de estar dentro de uma floresta, cercados por cipós, ou de baixo d’água, imersos em um ambiente desconhecido em que não se enxerga a total extensão. Também existiram comentários peculiares, em que transmutavam-se ao adentrar a instalação, transformando-se em outros seres, ou objetos. Relataram que se sentiram como piolhos na cabeça de alguém, como um bebê ainda no ventre da mãe, ou como almôndegas em um prato de macarrão.” **Pedro Toledo, arte-educador.**

Experiências em arte-educação no IFF

“Durante a visitação pela exposição, uma aluna me reteve de frente para a obra *Global Records* (2015) de Mayana Redin (Campinas – SP, 1984) e me perguntou se a obra representava o trabalho infantil. Nesse momento, fiquei curiosa e pedi para que me falasse mais sobre o que ela estava pensando.

“Essas marcas de dedos se parecem com dedos de crianças, como se ela manuseasse essa argila com força e pressa. A parte posterior são como palavras, marcas pela luta contra esse tipo de trabalho que as pessoas não enxergam de primeira, mas, se prestarem atenção, o pedido de socorro está logo ali, no espelho.”

É envolvente e admirável ver essa relação, desdobra-se das inúmeras interpretações que já ouvi. As obras de arte da Coleção IFF estão vivas. Produzirão inúmeros significados ao longo dos séculos.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

“A instalação *Sem título* (1981), de Lydia Okumura (Osvaldo Cruz - SP, 1948), tira partido de um espaço do projeto arquitetônico do Instituto Figueiredo Ferraz, um canto. Ela explora-o de maneira precisa e cria uma tensão entre os planos e fios na formação de um prisma com materiais simples: barbantes pretos, tinta e placa metálica. Como uma artista contemporânea, ela não quer representar a realidade matematicamente, ou geometricamente, mas sugerir a desconstrução da lógica com seus fios colocados de forma ímpar.

A artista constrói um objeto que parece ter faces. Um olhar mais paciente nos faz perceber que nem todas as faces existem, e que a união das arestas, não formam

planos regulares. Os visitantes costumavam reagir com incômodo e inquietude. Os fios parecem pedir para serem ajustados.

O pensamento ortogonal, cartesiano, é muito presente, principalmente em indivíduos adultos, que são cercados de vícios, pressões e responsabilidades em suas vidas. Crianças e pré-adolescentes costumam aceitar, com menos resistência, situações em que são expostos a coisas novas, ou diferentes.

Me surpreendi quando os visitantes não sentiam ânsia de “organizar” uma forma considerada irregular. Na última visita da Formação de Professores da Rede Estadual, no dia 23 de outubro, a Professora Fernanda Loreley se sentiu extremamente à vontade ao observar a instalação. Chamou a atenção para como o prisma encontra-se em equilíbrio com o entorno, de como suas faces são estruturadas, a beleza do que é tido como imperfeito e de como as pessoas deveriam perder essa vontade de consertar todo e qualquer objeto, ou situação, e aceitar as coisas da maneira que realmente são.”

Pedro Toledo, arte-educador.

“Como em outras turmas do 6º ano que visitaram o IFF, pouquíssimas crianças já haviam tido experiências com algum tipo de museu ou espaços expositivos. Conversei sobre isso, ainda na marquise do Instituto para tentar entender qual expectativa existia sobre o que poderia acontecer na parte de dentro. Resolvi chamar a atenção para a arquitetura do prédio, visto que eles comentaram que ela era diferente do que eles esperavam.

Quando entramos na exposição *#iff2018*, me disseram que já gostaram “de cara”, impressionados com a obra da artista Amélia Toledo, *Da cor da corda* (2015). Como forma de iniciar uma conversa,



sugeri que todos dissessem seus nomes e que cada um, se fosse uma comida, imaginasse qual tipo seria. A intenção era demonstrar individualidade e desenvolver cumplicidade dentro do grupo. Todos participaram de forma espontânea.

A partir deste ponto, começamos a pensar e debater sobre o que faz um artista diferente das outras pessoas. Para muitos, não existe diferença na forma de pensar, mas sim na forma como se realiza o que pensa e expõe para o mundo.

Pautado nas respostas deles, propus o uso da criatividade para desenvolver um planeta novo, a partir de uma das obras que estavam à nossa volta, pensando em suas características e particularidades.” **Gil Neto, arte-educador.**

“Mundo Riqueza (só que não)
O nosso futuro
Esse mundo é de riquezas?
Olhe melhor. Nós não temos atmosfera
e não tem mais animais no planeta
Por causa do desmatamento e
Por causa do nosso prefeito mundial
Que mata por diversão!
Então pense melhor, esse mundo
É um mundo de riqueza?”

Pedro e Guilherme, 10 anos
Planeta criado a partir da obra *Numa janela do Edifício Prestes Maia 911 - 03*, (2005 - 2008) do artista Júlio Bittencourt (Brasília - DF, 1980).

“Um grupo do 7º ano do Ensino Fundamental do SESI de Jardinópolis me proporcionou uma experiência interessante. Fizemos no início da visita, o exercício de subir as escadas de costas e olhos fechados. Quando nos sentamos, comparamos os resultados e perguntei se eles conseguiriam imaginar porque eu lhes pedia que contassem os degraus: um dos estudantes respondeu que era

para eles perceberem que as pessoas são diferentes e contam de forma diferente. Frequentemente os estudantes chegam a conclusões sem que eu tenha que intervir. Somente faço perguntas e deixo que eles tenham um tempo para pensar e discutir entre si. Muitas respostas levam a novos questionamentos, até que fiquem surpresos com o quão longe as ideias podem chegar.

Ainda durante a conversa inicial, falamos sobre a figura dos artistas e os fatores que podem diferenciá-los de outras pessoas, com outras profissões. Sugeri que tentássemos juntos, imaginar como era o artista que criou a obra *Sem Título* (2016) de Fabrício Lopez (Santos — SP, 1977). Quando lhes perguntei sobre a cor da pele, a única menina negra do grupo sugeriu que ele fosse também negro, algo que nunca havia sido abordado antes. Pela primeira vez no ano uma estudante do 7º ano demonstrou verbalmente sua consciência como pessoa negra e colocou o assunto em pauta com os colegas, imaginando que o artista daquela obra compartilhasse da sua cor de pele.

Segundo uma pesquisa realizada pelo artista Bruno Moreschi em 2017, apenas 0,9% dos artistas citados em 11 dos principais livros de história da arte - utilizados em cursos de graduação no Brasil - são negros³. Me dei conta de como a questão da identidade racial é importante, dentro e fora das instituições de ensino e de como a presença de representantes negros em todas as esferas pode contribuir para que as crianças se identifiquem e ampliem suas perspectivas.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

3 MORESCHI, Bruno. *História da _rte/History of _rt*. Informações disponíveis em <https://brunomoreschi.com/Historyof_rt>. Acesso em 9 set 2018.

Exercícios de Arte

“Creio que na arte, e sobretudo na arte contemporânea, cabe tudo. Todas as minhas experiências em salas de aula, mais do que gerar resultados, potencializavam processos. Encontrei na arte uma área na qual podia enlaçar todos meus interesses.”
Nicolás Paris (Colômbia, 1977), artista.

As propostas criadas pela equipe do Educativo têm como objetivo explorar o potencial crítico dos estudantes. As visitas são divididas em etapas para desenvolver distintas formas de se relacionar com as obras de arte: reflexão, emoção, corporeidade e transcendência, dentro das quais, os exercícios de arte são apresentados por cada arte-educador, de forma independente, para que os grupos tenham experiências únicas dentro do espaço.

Cabo-de-aço com corda invisível

Divida a turma em grupos de cerca de cinco alunos, de dois em dois grupos acontece a dinâmica do cabo de guerra, sem corda, os alunos deverão simular a brincadeira. Esse exercício ajuda a trabalhar a atenção, pois quando um grupo está puxando a corda invisível, o outro deve estar atento das dificuldades como se estivesse perdendo, se houver uma reviravolta, o grupo que ganhava passa a perder⁴.

Esse exercício cênico foi adaptado para o programa educativo, onde os arte-educadores participam de forma indireta, indicando o início e o final da atividade.

Telefone sem fio corporal

Escolhe-se um voluntário para iniciar o processo.

Este voluntário recebe uma frase (poema, palavra, trecho poético...) e interpretá-la com mímica para um colega. A outra pessoa vai repassar para uma terceira o que compreendeu, também através de mímicas, não podendo haver comunicação verbal. Apenas o último a assistir vai dizer o que entendeu. Ao final compartilha-se o que o primeiro leu e interpretou.

4 ALENCAR, Valéria Peixoto de. **Planos de Aula, Ensino Médio. Artes - Exercícios Cênicos.** Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/planos-de-aula/fundamental/artes-exercicios-cenicos.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Criação de personagem

Os estudantes, a partir da obra de arte escolhida e baseando-se em seus aspectos formais, criam uma personagem que poderia representá-la.

Enigma

Os estudantes podem criar e escrever frases, perguntas, poemas ou uma performance para apresentar aos outros grupos. Estes devem tentar adivinhar sobre qual obra o autor se refere.

“Se divide pela metade e pela metade e pela metade, até que se renove na soma das partes de um novo dia”

Bianca, Julia e Diego, 18 anos.
Enigma criado a partir da obra *Full Half Hour* (2014), da artista Laura Vinci.

“Ele é um homem que lutou na 2ª guerra mundial.

Ele era aposentado nessa época, ele não gostava de bagunça. Era um general italiano, seu nome era Rui Barbosa. Sua idade nesse quadro é 76 anos. Era robusto, bravo, inteligente e forte.

Morreu na guerra tentando ajudar seu amigo.

Tinha barba grossa.

Mas seu apelido era Chiquito de La Muerte.”

Ricardo, 12 anos; Pedro, 12 anos.
Personagem criado a partir da obra *Sem Título* (1991), do artista Paulo Pasta (Aranha - SP, 1959).

“Um homem loiro, ele é sério, lasanha é a comida preferida, NOA é o nome da víbora constritora dele, ele é americano, jogar basquete é o que ele mais gosta de fazer, ele é veterinário selvagem, é alto com 1,95 de altura, o nome dele é Joshua, o apelido dele é gigantão, ele não gosta de comer pernas de coelho, ele não gosta de ver pessoas maltratando animais. 33 anos”

Alunos do 5º ano do ensino fundamental.
Perfil criado a partir da obra *Quase Nunca* (2010), da exposição do artista Paulo Pasta.

Perfil do artista

Utilizando o material de abordagem, o estudante escolhe uma obra de arte e, após observá-la por um tempo, pode pensar um artista imaginário, suas características físicas e psicológicas.



“O céu está mais estrelado que o normal, tenho certeza de que não estou na terra. Está frio como no inverno e há pássaros pretos voando, mesmo sendo impossível por estarem fora da atmosfera.

Não sei se está de noite ou de dia, e estou sentindo frio. Vejo o sol brilhando, mas estou pisando na lua. Sinto um vento bater bem forte, me desequilibro e caio de volta para a terra, estou no mar, me afogando, procurando a superfície, abro o olho, amanheceu.”

Katielly Santos, 14 anos; Isadora Maria, 14 anos.
Sonho criado a partir da obra *Ao amanhecer ao anoitecer* (2015), da artista Renata Har (São Paulo- SP, 1984).

Sonho

No exercício dos sonhos, cada grupo de estudantes se depara com o seguinte desafio: se a obra de arte escolhida fosse de sua autoria, e a ideia para fazê-la viesse de um sonho, como teria sido esse sonho?

História

Ao relacionar o material de abordagem com uma das obras de arte, os estudantes podem criar uma narrativa inédita.

“O Sorvete Difícil
A borboleta foi tomar sorvete, ela
procurou no mercado, no shopping, na
lavanderia, na rua,
na floresta e no espaço e só encontrou
na praia.”

Rian e Leticia, 8 anos e Bia, 9 anos.
História criada a partir de obras da
Exposição *Polaroid* (2018) da artista Ana
Sario (São Paulo- SP, 1984).



Memória fictícia

O exercício consiste em criar uma memória fictícia, a partir da qual a obra de arte escolhida teria sido concebida.

“História

Essa era mais uma noite como todas as outras, deitado no gramado de minha casa admirando o céu estrelado e pensando o quanto tudo aquilo me fascinava... minha paixão pelo azul do céu e o brilho das estrelas começou desde muito jovem quando fiz minha primeira viagem de balão com meu pai, que a partir da perda de minha mãe sempre me mostrava que eu não estava sozinho e seu maior objetivo era minha alegria.

Alguns anos se passaram, e finalmente consegui construir uma família, a minha família! Em nossa primeira viagem o destino escolhido foi a praia, ao chegarmos lá pude perceber que não poderíamos ter escolhido destino melhor, tudo aquilo me acalmava e ver a alegria na minha família era o mais importante entendendo assim o sentimento do meu pai. Ao voltar para casa recebi um presente de minhas filhas, era uma fotografia do mar e céu e juntamente havia uma carta com a seguinte frase “papai, o azul dos seus olhos é como o azul do mar, te amamos, de suas filhas queridas”, guardei a carta em meu coração, aquilo me marcou pois assim descobri o verdadeiro significado da minha paixão pelo azul.

Voltando aos velhos tempos, deitado em meu gramado olhei para o céu estrelado e disse em voz alta: “o azul me atrai para o fundo dos seus olhos, minha mãe...”

Maria Laura, 15 anos; Gabriela, 15 anos; Helena, 15 anos.
Memória fictícia criada a partir de obras da exposição *Polaroid* (2018), da artista Ana Sario.

Poema

Com base no material de abordagem entregue pelo arte-educador, o estudante seleciona uma obra para observar e criar um poema.

“O medo é como cobra que vem rastejando para
matar
Um vento suave que destrói o que tocar
Fantasma que assombra uma criança ao se deitar
Uma alma desolada que cansou de chorar”

Mariana, 17 anos; Vitoria, 16 anos.
Poema criado a partir da obra *Sem título* (1998) do artista
Paulo Monteiro (São Paulo - SP, 1961).

Planeta

A partir de uma obra de arte e considerando o material de abordagem, o estudante pode imaginar um planeta completamente novo, com total liberdade criativa.

“A bandeira de Martelua

Essa é a bandeira de um planeta chamado Martelua. E essa bandeira é a conjunção de três planetas: Marte, Terra e Lua.

O planeta Martelua fica dentro de uma galáxia chamada Via Toddy.

Nesse planeta morava animais que falavam, pensavam, estudavam e cada um tinha um poder diferente. Esses animais eram uma mistura de vários animais que vivem na Terra: rinopato, elecachorro, cãojegue, vesbelha etc.

Na via Toddy havia 900 planetas parecidos com marte 2.006 parecidos com a Terra e 50.000 parecidos com a lua.”

Lorena, 10 anos; Maria Luiza, 10 anos; Camila, 10 anos; Isadora, 10 anos.

Planeta criado a partir da obra *Sem título* (2012) do artista Cassio Michalany (São Paulo- SP, 1949).





Arte-Educadores e Projetos Autorais

Considerando os princípios do Programa Educativo IFF, que construí e idealizei desde 2013, continuei também neste ano a sugerir aos arte educadores que escolhessem “territórios” onde houvessem artistas que desejassem pesquisar, profundamente, ou seja, uma área da exposição na qual ficariam super concentrados, com total autonomia.

Com isso, foi possível que produzissem conhecimento “ainda não existente”, “fresco”, ou seja, sem vícios teóricos, metodológico ou de linguagem.

Os arte-educadores me revelaram que foi um privilégio poderem conviver de forma tão próxima com as obras de arte da Coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz em um projeto expográfico tão apropriado para abrigá-las na sua arquitetura.

O projeto autoral não se trata de um documento fechado, mas uma proposição que se nutre pelas atitudes e experiências do público, especialmente estudantes, como fontes de pesquisa, ao longo do tempo.

Posso afirmar que o trabalho dos artes-educadores do IFF tem sido, de alguma forma, similar ao processo de criação dos artistas. Eles reúnem e estruturam suas pesquisas para criar abordagens temáticas, exercícios de arte e materiais para as atividades.

Vera Barros, Coordenadora do Educativo.

Para acessar os textos completos dos projetos autorais desenvolvidos em 2018, utilize o link: [Projetos Autorais 2018](#).

Sem Título, Ingrid Ostan

Uma vez terminado meu trabalho, me separo dele. A arte tem sua própria vida. O documento da arte é um rastro graças ao qual você pode abordar meu trabalho, mas não é igual á arte em si mesma. O público usará sua própria experiência e imaginação para abordar meu trabalho. – Tehching Hsieh (Nanzhou, Taiwan – 1950).

O território foi constituído por obras fluidas, onde as imagens passam por uma dissolução como se fossem sonhos ou fragmentos de memórias, conforme pudemos ver nas obras *Gato e piscina* (2006), *Manhã de Sol*, (2008) de Cristina Canale (Rio de Janeiro — RJ, 1961) e *Outra História* (2013-2014) de Mariana Mattos (São Paulo — SP, 1997), onde a ausência de contorno definidos fez a ligação entre as obras. Nestas, há a impressão de que existem vestígios de uma narrativa que poderia ser recriada por cada observador, já que a ausência de identidade das personagens e a abstração do ambiente estimulavam-no a imaginá-los.

Ressaltaram-se ainda a presença d'água e da tensão entre o abstrato e o figurativo, os quais se destacavam na obra do artista Vanderlei Lopez (Terra Boa — PR, 1973) *Cachoeira VII* (2010) e também na obra *Sem Título - série "Paisagens"* (2009) de Felipe Cohen (São Paulo — SP, 1976). Outro aspecto interessante que pôde ser observado, foi forma com que alguns artistas constroem a partir da desconstrução. Um exemplo disso era a videoinstalação *Vai que Vai* (2015) de Ana Paula Oliveira (Uberaba — MG, 1969) onde é realizada a desconstrução do evento *Piracema* (2013), o que causou incômodo e ao mesmo tempo uma atração ao observador.

Com o desenvolver do projeto autoral, algumas obras próximas ao meu território

foram anexadas, tais como *N.S.E.O.*, (2017) de Sandra Gamarra (Peru, 1972), *Composição com banhista*, 1995 de Caetano de Almeida (Campinas — SP, 1964) e *Senhora do Irupé*, (2014) de Fernando Lindote (Sant'Ana do Livramento — RS, 1964).

No meu projeto autoral deste ano, propus um mergulho nas criações de cada um dos artistas do território, levantando-se questões e possibilidades de interpretações das obras de arte. Dessa maneira, através da imagem, pudemos explorar outros sentidos sensoriais, criando assim um espaço além do visível, o qual sai do limite da tela, no qual suas diferenças se complementaram criando uma narrativa. Portanto, o objetivo foi estimular os cinco sentidos do observador, intensificando a imaginação.

Entretanto, por que desenvolver narrativas? Segundo Jonathan Gottschall⁵, em seu livro *"The storytelling animal – How stories make us human"*, é explicada a importante ferramenta na formação da identidade e valores de todo ser humano através de histórias. O autor explica que, além de ajudar a desenvolver o imaginário, a capacidade cognitiva e a inteligência emocional, as narrativas também podem ser uma oportunidade para momentos de maior vínculo com outras pessoas. Outro

⁵ Jonathan Gottschall (Pensilvânia, 1972) é um estudioso literário americano especializado em literatura e evolução. Ele leciona na Washington & Jefferson College, na Pensilvânia.

ponto interessante destacado no livro é sobre a dificuldade que encontramos em compreender nossos sentimentos entre a infância e a adolescência. Nessa fase existe uma confusão de sentimentos e lacunas para serem preenchidas, como a escolha de uma profissão, os primeiros problemas de relacionamento, entre outros que podem ser difíceis de expressar e compreender. É exatamente nesse ponto em que a criação de histórias é importante. Porque narrativas são uma outra forma de se comunicar sentimentos, os quais de maneira literal podem ser mais difíceis de explicar.

As histórias proporcionam vivenciar emoções e sensações que nos fazem refletir. Reflexões essas que nos permitem dizer que a interpretação de imagens gera narrativas, ideias e percepções de ausências, com base nas reflexões de Manguel⁶ (2001, p. 27), sobre as quais podemos pensar que a interpretação que se faz das imagens tem ligação com a leitura de mundo e das experiências que trazem consigo. Portanto não há uma interpretação única: “O que vemos é a pintura traduzida nos termos da nossa própria experiência”. Se somos feitos de imagens, ler e criar narrativas sobre elas significa também compreender ao mundo e a nós mesmos.

O mesmo acontece com as histórias, que contêm um pouco da realidade de cada indivíduo que as escreve, assim ela também se torna um reflexo da sociedade em que foi produzida.

Tendo isso em vista, sugeri durante o ano que os grupos criassem narrativas, fossem elas em forma de poema, música, notícia

ou conto, de acordo com a escolha de cada um. Os grupos escolheram uma ou mais obras, que se tornaram elementos na criação das narrativas, compondo o espaço destas ou características das personagens. Como material de abordagem temática, sugeri frases ou ditados populares, que os grupos utilizaram conforme desejaram e com suas próprias interpretações.

Ao término do projeto, pude perceber que os estudantes conseguiam ordenar seus pensamentos e transformá-los em palavras, encontrando assim uma coesão entre o que eles viam, sentiam e como iriam expressar tudo isso em uma narrativa.

Além de estimular a imaginação e a escrita, eles criaram uma conexão única no momento em que compartilham suas narrativas com o grupo, levantando não só questionamentos e dando opiniões, mas também colocando assuntos de seus cotidianos e de suas vivências em sociedade de uma forma sutil, o que englobou assuntos tais como *bullying*, brigas e questões sociais.

Ao final da atividade com os estudantes, foi gratificante ver que eles começaram a alimentar um pensamento crítico não só pelo estético, mas por todos os assuntos abordados.

⁶ Alberto Manguel (Buenos Aires, 1948) é um ensaísta, organizador de antologias, tradutor, editor e romancista. Atualmente é o diretor da Biblioteca Nacional da Argentina.

“Ventos fortes
Um belo dia na praia do Rio de Janeiro
Com meu cachorro curtindo o dia inteiro
olhando o mar e curtindo a paisagem.
E de repente encontro uma passagem.
Olho para o mar e vejo uma onda grande.
Esses ventos são muito fortes.
Minha blusa é vermelha.
E as rosas são azuis, que explosão de cores,
essa praia.
Esse chapéu muito amarelo, preferia cor
de caramelo.”

Antônio e Mickaelly, 11 anos e Lavínia, 12 anos.
Narrativa criada a partir da obra *Manhã de Sol* (2008) da artista Cristina Canale e da frase
“Ventos exibidos, que cantam fortes, uivantes
também desafiam”.

“Uma andorinha sozinha, sozinha não faz
verão.

Em um dia simples de inverno, uma
andorinha decidiu sair de, só; sem
acompanhamento.

Ela estava à procura de sossego e descanso.
Em uma paisagem nítida, com folhas
cobertas de nevoa, e um lago azul brilhante,
ela decidiu descansar, mas não esperava
outra andorinha encontrar.

Ali vendo a amiga decidiu então falar:
- Oi sou a andorinha Lily, vamos amigas nos
tornar?

Com poucas palavras a outra dissera:
- Eu sou Paty, vem junto a mim descansar.
Então tudo veio a mudar, o verão veio
a chegar, com folhas secas e lago azul
brilhante
a se molhar.

Vitor Fernando, 18 anos e Marcos Donizete, 17
anos

Narrativa criada a partir da obra *Outra História*
(2013-2014) da artista Mariana Mattos e da
frase “Uma andorinha sozinha não faz verão”.



CANALE, Cristina (Rio de
Janeiro, 1961)
Manhã de Sol, 2008
óleo e acrílica sobre tela
190 x 240 cm



Complexos imagéticos em lugares da memória, Caroline Heldes

“Em cada um de nós há um segredo, uma paisagem interior com planícies invioláveis, vales de silêncio e paraísos secretos.” Antoine de Saint-Exupéry (França, 1900 – 1944), escritor, ilustrador e piloto.

O projeto teve como objetivo trabalhar o conceito da memória, em suas mais diversas formas, com ênfase em construções de imagens baseadas em sete obras de arte escolhidas para compor o território, assim como questões centrais apresentadas pelos artistas. Desenhos, em sua maioria criados em preto e branco, com o uso do carvão, do nanquim e até de fumaça revelam paisagens distantes, auras e sombras de seres enigmáticos que pairam sobre o papel e deixam o rastro de uma história que não é contada por ninguém.

Matías Duville (Argentina, 1974), *Esto fué otro lugar* (2010) ocupou um lugar central do território com uma obra de arte, com mais de três metros de comprimento onde uma paisagem fantasmagórica, quase surreal, revela-se aos poucos para o observador. Seu traço carrega certa brutalidade, deixa rastros que evocam intempéries da natureza, mistura os elementos em um contexto caótico, com impressões de movimento. A ausência do ser humano remete à solidão, cabanas e pequenos carros parecem abandonados.

Os dois desenhos, ambos sem títulos criados em 2012, do artista Eduardo Stupía (Buenos Aires, 1951), apresentam um caráter abstrato e sombrio que apenas dá a entender seus desígnios. Os vultos fantasmagóricos atraem o expectador para um olhar mais próximo na tentativa – frequentemente frustrada – de perceber figuras concretas, que não se revelam em nenhum momento. A impressão de movimento também está presente em seu trabalho através dos traços rápidos e

curtos que se apresentam entre manchas que ensaiam um caminhar pela paisagem obscura.

A figura/objeto tridimensional na obra da artista Shirley Paes Leme (Cachoeira Dourada - GO/MG, 1955), caminha para fora do desenho, tomando forma, tornando-se real. Ela utiliza em seu trabalho, o que chama de “resíduos do mundo”, reunindo materiais simples do cotidiano e da natureza, mas com grande carga memorial de sua vivência no interior de Minas Gerais, onde nasceu e cresceu. “O passado é o que constitui, presente é movimento, futuro não existe”. Em *Como a Luz* (1988-1996) reúne a madeira rústica com amarrações de arame para construir o objeto escultórico, envolto por um desenho de 3 metros de altura: uma mancha em fumaça sugere que algo está para acontecer.

Ainda sobre tornar-se real, Marcius Galan (Estados Unidos, 1972) provoca o expectador, causando desconfiança em quem observa sua obra. *Seção Diagonal - versão 2* (2010) destoa da estética das obras escolhidas: geométrica e clara, a instalação ocupa o espaço, dialoga com a arquitetura e cria uma vitrine que sugere um grande vidro guardando o vazio. Ao aproximar-se, desconfia-se, ri-se da possibilidade, percebe-se a ilusão e os olhos finalmente se abrem para ver. Não há vidro, nem barreira, é um portal para além do nada.

Cláudia Melli (São Paulo - SP, 1966) também indaga sobre a percepção das imagens em *Sem Título nº 165* (2013),

quando constrói sob o vidro, criando a noção de profundidade, dando dimensão a uma paisagem silenciosa e solitária, muitas vezes confundida com uma fotografia em preto e branco.

Os desenhos de Newman Schutze (Adamantina — SP, 1960) misturam enquadramentos de paisagens em um conjunto monumental de vinte e cinco fragmentos cheios de texturas, cinzas, pedras, chuvas, azuis, traços livres que transmitem a dinâmica natural dos ventos, dos rios e das nuvens. Seu trabalho está diretamente relacionado com a memória da paisagem, com as trajetórias de cada elemento e suas possíveis narrativas.

Enganam-se os olhos e os pensamentos, embaralham-se as memórias e os desejos. Questiona-se o que é real e como o real se revela a nós, que tanto prezamos pela ilusão. Como imaginar algo sem levar em consideração o que nos lembramos do mundo?

As obras de arte se interconectaram no espaço expográfico, criando uma atmosfera onírica, onde procurou-se explorar questões ainda mais profundas em memórias da paisagem e paisagens da memória. Criar memórias para cada paisagem pode ser interessante, ou ainda criar memórias para um elemento da paisagem. Relacionar concepções de memória, imaginação, sonho, inconsciente e verdade, propondo aos visitantes reflexões individuais e em conjunto, sem a obrigação de apresentar conclusões. Pensar sobre a memória e questionar o que se lembra, como se lembra, o que se esquece, como e porque se esquece.

“O cérebro humano se constrói a partir de conexões, aprendizagens, relações e experiências. Poucas dessas variáveis são conscientes e isso está sempre mudando e moldando o que somos. [...] De todo pensamento humano, só a ponta do iceberg é consciente.”⁷

Trabalhando essas temáticas, foram percorridas as concepções mais diversas apresentadas pelos visitantes, que expressaram, em configurações muito distintas, suas ideias imagéticas de organização do pensamento, da memória e da imaginação, separando-as em setores, caixas, pastas e cores, idealizando espaços distintos dentro do cérebro. Ao mesmo tempo, o esquecimento, o caminhar no sentido contrário da memória, o apagar, o desvanecer. Incentivados a relacionar conceitos abstratos como características geográficas, novas paisagens – internas e externas – surgiram em todos os atendimentos, algumas frias, montanhosas, chuvosas, algumas tropicais, com longas praias tranquilas. Muitas vezes solitárias. Paisagens com os mais diversos céus e cores, que revelaram os sentimentos mais herméticos.

7 SIGMAN, Mariano. **Não existe aprendizado lúdico, sem esforço.** Entrevista para a revista Super Interessante. 22 de set. 2017. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/comportamento/viagem-ao-centro-da-mente/>>. Acesso em: 30 abr. 2018.



DUVILLE, Matías (Buenos Aires, 1974)
Esto fue otro lugar, 2010
carvão sobre papel
150 x 330 cm

Sinto o que penso, penso o que sinto, Gil Neto

A exposição #iff2018 proporcionou uma visão ampla sobre a coleção do Instituto Figueiredo Ferraz. São obras de diferentes períodos, que apresentam múltiplos suportes e ideias que coexistem em um espaço propício para a criação de inter-relações e diálogos.

No território, me debrucei sobre trabalhos que sugerem grande carga subjetiva. As obras que escolhi dividiam um mesmo corredor no primeiro piso do IFF e possuem certa lógica espacial e estética, com elementos em comum, como a transparência, a dobra e a curva; no entanto, estes são usados para dar força a conceitos distintos e próprios de cada trabalho artístico.

O território iniciava-se com a obra *Sem Título* (2011) de Iole de Freitas (Belo Horizonte - Minas Gerais, 1945) que tem um projeto idealizado especialmente para o IFF. Ela apresenta uma harmonia de formas que conversam com o lugar. As transparências e torções das placas de policarbonato imprimem leveza para a peça que, sustentada por barras de aço, demonstra uma precisão de gesto, criando uma sensação de movimento e direção para o traço da artista. Apesar de seu tamanho, não impede que se contemple o que está em volta. O diálogo com a arquitetura é evidente, a obra é pensada para que exista uma integração entre a criação artística e o espaço que ela abriga e vice versa. A sutileza que aparenta em contraponto com suas grandes dimensões a torna uma obra marcante, que exerce atração no olhar do espectador.

Em seguida, encontrávamos *Full Half-Hour* (2014) de Laura Vinci (São Paulo - SP, 1962), feita de vidro soprado, areia e latão,

e nos remete à forma de uma ampulheta. No entanto, sua função, a priori, de marcar o tempo, já não existe mais. É como se aquela peça de vidro tivesse sido "estrangulada", fazendo com que "murchasse". É impossível a areia transitar de um lado para o outro, sugerindo uma tentativa de segurar/parar o tempo. Como muitas outras obras da artista, a peça também nos faz pensar sobre o estado dos materiais que é feita. O vidro soprado em contato com a areia em seu interior nos dão duas perspectivas do mesmo material. O calor é perceptível na forma que cria e também deforma.

A Mesa Alongada (2012) de Edgar de Souza (São Paulo — SP, 1962), ao lado, chamava a atenção por ser um elemento do cotidiano, que pertence ao universo do lar que temos contato diariamente. No entanto sua posição é posta de forma a sugerir objeto animado, como se tivesse ganhado vida. Olhando para a mesa, que tem duas pernas postas no chão e outras duas apoiadas na parede, conseguimos perceber que o que existe ali é uma representação do corpo animal, a obra atua a partir da memória e da imaginação do observador. A sugestão é sutil, porém muito eficaz. No momento em que percebemos a relação, ela se torna clara e a imaginação entra em cena, criando situações fantásticas.

Jorge Macchi (Argentina, 1963) com uma tela de título *Eingang* (2015), que significa "entrada" em alemão. Podemos ver a palavra ocupando quase toda a obra e que está escrita ao contrário. É possível perceber carros e um prédio ao fundo. A tela cria uma ilusão de transparência, dando a sensação de que o espectador está do lado de dentro de algum estabelecimento, enquanto o que está atrás da palavra se

completa através da imaginação.

O território se encerrava com *Metade da fala no chão* (2010) da artista Tatiana Blass (São Paulo — SP, 1979). A obra consiste em uma performance, que resultou em uma instalação que se encontra no IFF. Enquanto um pianista toca no piano de cauda, obras do compositor Chopin (Polônia, 1810-1849), pessoas vestidas com roupas de segurança despejam cera quente dentro do instrumento. Essa cera, ao endurecer, começa a impor resistência ao som do piano, criando um embate com o músico, que passa a se esforçar para extrair som das teclas. Quando isso não é mais possível, o instrumento se torna mudo, a performance termina.

Pensando sobre as soluções e os conceitos que os artistas desenvolvem, que possuem referências e propostas distintas, pensei que seria interessante levantar questões sobre como se dá o pensamento artístico.

As pessoas são estimuladas, dentre outras coisas, por suas relações interpessoais e efeitos midiáticos. Signos e símbolos fervilham em suas mentes, que reagem de acordo com repertórios e memórias pessoais. Através do pensamento, as pessoas decodificam o que está ao em torno, e o devolvem impregnados de suas particularidades. Com esse projeto, tive a intenção de levantar questões sobre a forma, hipoteticamente, como pensamento funciona, para tentar ter certa dimensão da produção de conhecimento artístico no contexto das marcas do seu tempo que as obras de arte expressam. Modelos de comportamento que estruturam as relações cognitivas são herdados desde os primeiros anos de vida: língua, a cultura, formas de relações e organização sociais. No entanto, no momento em que as pessoas se inserem socialmente, “contaminam” todos

com suas subjetividades, partindo do pressuposto de que toda experiência é única e intransferível. Imersos neste “caldeirão”, apreendem o que está a sua volta, e o devolvem em forma de impressões, ideias e conceitos. Se cada indivíduo pensa de forma diferente, com referências próprias e visões de mundo únicas desenvolvidas ao longo da vida, talvez seja na arte que essa individualidade encontra sua forma mais genuína.

Através de materiais de abordagem desenvolvidos e exercícios de arte propostos, coloquei em prática este projeto autoral e pude perceber ao longo do ano que, apesar de estarmos cada vez mais próximos, tecnologicamente, de mapear a forma como o pensamento acontece, as pessoas, em sua maioria, continuam tendo uma relação abstrata com a mente. É difícil explicar de onde vem as nossas ideias. A reflexão em torno disso trouxe questionamentos sobre como poderíamos, de algum jeito, controlar aquilo que pensamos ou, ao menos, fazer o inverso e tentar encontrar os caminhos que eles percorrem em nossa mente que, muitas vezes, não ficam claros. A partir destas discussões, os visitantes começaram a prestar mais atenção na forma em que se sentiam ao se depararem com alguma obra de arte, analisando com mais cuidado cada sensação e memória acionadas de imediato e também as que apareciam após um maior convívio com os trabalhos artísticos. Quando eram trocadas as experiências obtidas no IFF, em grupo, podíamos perceber a diversidade de relações e conexões possíveis de se realizar dentro do território e também de construção de pensamentos em conjunto.



FREITAS, Iole de (Belo Horizonte, 1945)
Sem Título, 2011
aço inox e policarbonato
300 x 780 x 470 cm

Tempo, processo e matéria, Pedro Toledo

O território da exposição #iff2018, no qual realizei maior número de atividades, concentrou obras com características abstratas e geométricas, que extrapolam os limites dos suportes e dialogam com o partido arquitetônico do prédio do Instituto Figueiredo Ferraz. Elas aproveitam os potenciais dos materiais e evidenciam procedimentos que geram equilíbrio, ritmo, energia e estrutura.

Posicionadas em paredes opostas no espaço expográfico escolhido, e com esquemas de cores distintas, as obras de Eduardo Sued (Rio de Janeiro – RJ, 1925), *Sem título* e *Acordes a Miles Davis*, ambas de 2004, constroem uma relação rítmica, lembram partituras, parecem querer soar algo. Em suas linhas planos e cores, pode-se construir uma música. Sued exemplifica seu trabalho através de uma palavra, que ele mesmo criou, “VOLUMINOSIDADE”. São estudos das propriedades cromáticas aplicadas de diferentes maneiras em suportes distintos.

A obra, *Sem título* (2004), de Cassio Michalany (São Paulo – SP, 1949) propõe uma reflexão sobre as tarefas do cotidiano, sobre os eventos mais corriqueiros da vida e como os planejar. Novamente a relação rítmica é aplicada com cores nos planos.

Dessa vez o gesto não é presente, não é possível identificar as pinceladas, as superfícies são uniformes. Um tríptico que indica a relação entre as cores escolhidas, que não são cores quaisquer. Um paciente estudo de relações cromáticas.

As obras de Paulo Monteiro (São Paulo – SP, 1961), apesar de fugirem da linha geométrica, apresentam características do território.

Seus traços, nas obras feitas em guache, ambas *Sem título* (1998), “questionam” o suporte, quase querendo se libertar dele. Parecem ter vontade própria, movem-se sem destino no plano. Os conjuntos de linhas contínuas e indefinidas, às vezes lembram formas já reconhecidas, como fragmentos de corpos. A aparência “inacabada” das obras, se dá pelas linhas, talvez rápidas e inconclusivas, de percursos dispersos, enclausurados em espaços limitados, que não dizem para onde vão, nem de onde vieram.

Já a obra de Carlos Fajardo (São Paulo – SP, 1941), permite ao observador diferentes ângulos de observação, se apropria da arquitetura do ambiente.

Em *Sem Título* (2014), é possível observar véus, camadas. Uma obra em escala humana que reflete o entorno, porque as imagens se modificam ao andar, e permite ao expectador diferentes pontos de vista, imagens e percepções. Utilizando um material industrial, o vidro, sua obra de arte não se apresenta uma pintura, ou escultura tradicional.

As sobreposições das lâminas de diferentes cores, permitem variações de visualização do espaço expográfico em seus reflexos de tonalidades pretas e azuis. Ele cria um objeto-pintura de propriedades físicas e cromáticas, que contam com o entorno para estruturar as suas “ilusórias superfícies”.

O território apresentava questões sobre a própria arte e história da arte. Não rompia nenhum contexto, não representava nenhum manifesto, no sentido de inovar e romper com movimentos artísticos. Esteve relacionado a questões temporais, históricas, materiais e processuais.

Através de cores, texturas e volumes aplicados nos planos, os artistas atuam como cientistas e experimentam com diversos materiais as propriedades físicas das matérias. O foco na abstração geométrica, foi o que criou experiências estéticas para os espectadores.

Conversas, perguntas provocativas e os materiais plastificados, foram utilizados para instigar os visitantes e provocar reações que conectassem as obras de arte à situações do mundo real, ou situações imaginadas. As obras trazem mais perguntas do que respostas, elas criam relações entre eventos de experimentação, improvisado e casualidade, em contrapartida aos cenários mecânicos, ensaiados e planejados do cotidiano.



MONTEIRO, Paulo (São Paulo, 1961)
Sem Título, 1998
guache sobre papel
116 x 80 cm



O Enigma do Sonho na Arte, Juliano Bernardo

A escolha do território, bem como a proposta de exercício resultante, sucedeu-se de forma a seguir uma linha de pensamento que aproxima, por analogia, a experiência estética à do sonho. Portanto, cabe primeiro comentar essa aproximação, suas motivações e seus objetivos.

Há em comum entre os grupos que frequentam o IFF a hesitação ao pensamento abstrato. Os estudantes sentem-se mais seguros em realizar as atividades com obras que assimilam de maneira descritiva ou que possuem uma narrativa evidente. Neste contexto, busco com a analogia do sonho uma ferramenta à atividade em arte-educação que se coloca como um ponto de intersecção entre as obras e os estudantes, sobrepujando essa hesitação. Isso vem a acontecer por dois motivos: 1) a natureza do sonho, seu destacamento da realidade, a falta de um referencial de tempo, a coexistência do contraditório e a realização de impulsos; 2) pelo fato de que a experiência do sonho é comum a todos os humanos.

Podemos encontrar, respaldados pela literatura psicanalítica, ainda outras confluências entre as experiências estéticas e oníricas. Na psicanálise, o inconsciente revela-se na penumbra, procurando se esconder, dissimulado e deturpado em nossos sonhos e em nossa fala. Em resumo, oferecesse-se como enigma. A teoria e prática psicanalítica tem por incumbência decifrá-lo; e em seu processo, que ao mesmo tempo revela e produz, a verdade é sempre recorrente, afinal as diversas interpretações que podemos obter dos sonhos é infundável. Com isso em mente, podemos melhor visualizar a analogia da seguinte maneira: sonho, analista e analisado está para (obra de) arte, arte-educador e público. No

entanto, é importante esclarecer que não sugiro que exista uma correspondência direta entre a experiência do sonho e a estética, ou a prática psicanalítica e a do arte-educador, mas de que é possível construir equivalências operacionais entre os modos de sonhar e interpretar o sonho e os modos de contemplar e entender uma obra de arte.

Por esse viés, se considerarmos a obra de arte, tal qual o sonho, como um enigma a ser decifrado, então podemos dizer que há obras que melhor escondem sua natureza enigmática e outras que nem tanto. Por isso as obras que os estudantes escolhem — normalmente pinturas, desenhos ou fotografias, especialmente figurativas — não são mais “fáceis” ou palatáveis, e sim possuem um verniz que melhor ocultam sua condição de enigma. Por conseguinte, o primeiro critério levado em conta na escolha do território foi a falta desse verniz, ou em outras palavras, obras que se insinuam como enigma desde a primeira impressão. São elas performances, instalações e objetos construídos com materiais não necessariamente associados à arte.

O exercício decorrente do território, em que o uso da analogia foi aplicado, consistiu de duas etapas: a primeira foi o contato com trechos do diário de sonhos *Lovely Sweet Dream*⁸, de Hiroko Nishikawa. Os sonhos do diário podem produzir imagens e despertar sentimentos. Sua

8 Diário mantido por uma década, foi a inspiração do jogo *LSD: Dream Emulator*, em que o jogador percorria ambientes baseados nos sonhos de Hiroko à esmo, sem objetivo definido. Foi idealizado por Osamu Sato (Japão, 1960), artista multimídia, fotógrafo e compositor, que rejeita a ideia de jogo e apropria-se do videogame como um medium para a arte contemporânea. O livro foi publicado em 1998 acompanhando o jogo e sua trilha sonora.

referência, portanto, não esteve somente como modelo de escrita. Nesta etapa, foi inequívoco a potência do diário em trazer para consciência o modo de sonhar e sua natureza. A etapa subsequente, em que os estudantes escolheram obras para realizar uma atividade prática, apresentava o seguinte desafio: se a obra de arte escolhida fosse de sua autoria, e a ideia para fazê-la viesse de um sonho, como teria sido esse sonho?

Meu objetivo foi fazer com que os estudantes, em um ambiente que foge da lógica cotidiana, vislumbrassem o enigma da arte através de uma experiência comum a todos e que é igualmente enigmática. Esse ponto foi importante, uma vez que a maioria dos grupos que visitam o IFF raramente, ou nunca estiveram em uma instituição voltada à arte. Neste contexto, enquanto arte-educadores, muitas vezes, ocupamos o papel de iniciadores; por isso, em meu projeto, tomar conhecimento

do enigma foi mais importante do que o decifrar.

Os resultados do projeto mostraram-se satisfatórios. Os estudantes, ao longo do tempo que passaram no IFF, abriram-se gradativamente para o espaço e os objetos dispostos nele. Foi perceptível a mudança de mentalidade, pois, enquanto absortos pela atividade, o apego pela descrição e narrativa deu lugar ao pensamento em associação livre, à aceitação do contraditório e do absurdo e, assim, tornaram-se propensos a assimilar as leis próprias das obras que os rodeiam. O sonho, apesar de uma experiência comum a todos, precisa ser buscado a fim de se fazer presente e de nos conscientizarmos de sua natureza, é por esse caminho que operamos com a analogia como ferramenta que produz o ponto de intersecção entre arte e sonho.



REDIN, Mayana (Campinas, 1984)
Global records, 2015
Técnica acrílica sobre argila e espelho
180 x 180 x 40 cm

Diversidade de Público

"O que comprova a qualidade e a importância das obras de arte da Coleção IFF é o fato de que os visitantes com perfis sócio-econômicos e culturais totalmente diferentes, cada um deles interpretaram as obras de arte de formas inusitadas e personalíssimas."
Vera Barros, coordenadora do Educativo.

"O Projeto Educativo IFF recebe grupos agendados de até 40 pessoas, a partir de 6 anos de idade, onde cada faixa etária contribui para a experiência educativa, possibilitando uma infinidade de novas reflexões dentro dos diálogos propostos pela equipe. Todas as visitas são planejadas com o intuito de criar um ambiente propício para que todos possam, a sua maneira, aproximar-se das obras de arte, estabelecer relações de afetividade e compartilhar suas vivências, revelando a potência das obras de arte contemporânea em contato com diferentes indivíduos." **Caroline Heldes, arte-educadora.**

CRIANÇAS

Toda criança é um artista. O problema é o como manter-se artista depois de crescido.
Pablo Picasso (Espanha, 1881-1973)

Há uma necessidade de despertar o olhar da criança de uma forma mais crítica, não para que ela apenas desenvolva admiração pelo belo, mas para que ela possa fazer uma análise e interpretação das obras de arte e do mundo. Assim, ela passa pelo processo de formação de um olhar sensível.

Ao observar as obras e conversar sobre elas, a criança constrói um novo pensamento abstrato que revelam suas percepções do mundo, expressando suas emoções e opiniões perante a sociedade, o que é essencial para a desenvolvimento cognitivo.

A visita estimula um novo olhar para a realidade, criando também o hábito de ir à museus ou espaços públicos sobre arte, apropriando-se deles como um lugar de reflexão, entretenimento e convivência social. Quando se leva uma criança a uma instituição de arte, esta desenvolve um olhar atento e observador a tudo que a rodeia, além de ampliar seu conhecimento.

Ingrid Ostan, arte-educadora.

“Extra: Gato obeso esfomeado foge de casa, apressado, pula no rio Tiête formando uma cratera, levando todos os peixes crus para seu estomago!!! Os extinguiram desse rio!!! A água como estava quente e contaminada, queimou o gato, que o mesmo deu um pulo para fora, molhando e inchando a caminho de sua casa.

OBS: Que absurdo!!! O rio Tiête levará anos ou décadas para repor os peixes!!!”

Rafaela e Gabriela, 14 anos.

Notícia criada a partir da obra *Gato e piscina* (2006) da artista Cristina Canale e da frase “Apressado come cru e quente”.

“Direcionado a crianças de 7 a 12 anos, o programa Curumim do Sesc completou mais um ano com o IFF. Por terem um contato amplo com a arte dentro do Sesc, elas já chegam muito mais abertas a novas experiências, o que amplia o olhar delas e também possibilita uma rica troca de conhecimento com os arte-educadores.

Foi fascinante ver como eles observam as obras de arte e se “introduzem” nela, indo além do que estavam vendo, transitando entre as molduras, visualizando uma continuação na imagem, como se estivessem inseridos dentro da obra de arte.

Não é apenas uma criação imaginária, elas colocam nas histórias criadas um pouco de sua realidade, suas projeções e opiniões. Ao meu ver, é quase impossível não influenciar a interpretação de uma obra de arte com seus próprios pensamentos, porque estamos sempre criando coisas com base naquilo que conhecemos e poder intermediar esse contato entre a arte e os estudantes é importante para o desenvolvimento da autonomia de cada um, da afetividade e do senso crítico, além da cooperação e respeito ao próximo, já que os trabalhos em grupos os levaram a debater e chegarem a um acordo, sem desmerecer a opinião do outro, desenvolvendo assim um pensamento amplo.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

Em 2018, houve um aumento significativo nos agendamentos de diversas unidades do Colégio Sesi, o qual se deve a uma parceria de divulgação interna. Os grupos de estudantes recebidos pelo IFF compreendem o Ensino Fundamental II ao Ensino Médio, sem faixa etária padrão.

Os estudantes, já acostumados à maior autonomia, em razão da metodologia baseada em Oficinas de Aprendizagem, onde equipes são reunidas para resolver desafios dados pelo professor, encontraram no IFF um ambiente compatível com sua receptividade à perguntas, desafios e investigações.

As atividades e exercícios propostos pelos arte-educadores buscaram dos estudantes uma postura proativa e comprometimento com a imaginação, interdisciplinaridade e trabalho em equipe. Em um primeiro momento, foi realizada uma roda de conversa, com temas pré-determinados, cujas perguntas não possuíam resposta certa ou errada à priori; ficando à cargo dos estudantes formular respostas condizentes com suas opiniões. O tema, escolhido por cada arte-educador, agregou diversas outras áreas do conhecimento em relação associativa com a arte.

Em seguida, os estudantes eram colocados em equipes com a incumbência de produzir um texto, muitas vezes de qualidade narrativa ou poética, baseado ou correlacionado com uma ou mais obras de arte do espaço que, dentro das opções apresentadas pelos arte-educadores, foram escolhidas pelos próprios estudantes. Por fim, em se tratando dos resultados obtidos, os grupos recebidos do Colégio Sesi mostraram desenvoltura em produzir soluções criativas, e se sentiram compelidos pela investigação e estimulados a interagir com as obras de arte; objetos que escapam às lógicas de seus cotidianos e que os surpreenderam.

Juliano Bernardo, arte-educador.

“Uma vez um passarinho
Triste, a procura de uma família,
Parou em uma cidade sem movimento
Onde tinha um senhor que cuidava de seu
jardim
E esse passarinho era bonito mas sozinho
Por ele não ter família, ele pousou em uma
cerca
E todos os dias este senhor ia lá e dava
comida
Para ele, e nisso o passarinho ficou por lá
O senhor colocou o nome do
Passarinho de Bento. E um certo dia
O senhor chamou o Bento. Ele veio
E o senhor começou a cuidar dele
e outros passarinhos começaram a passar
por lá
E o senhor começou a colocar nome em
todos e o passarinho
Bento, a partir daquele dia passou a ter
uma família. E todos os
passarinhos ficaram felizes.”

João Paulo, 17 anos.
Narrativa criada a partir da obra *Pombo na grade* (2003) do artista Guilherme Ginane (Rio de Janeiro - RJ, 1980).

“As asas de um pássaro

Quando Deus criou o mundo, ele tinha gastado muito de seu poder, só sobrando um poder insuficiente para dar o ar sob a Terra.

Esse poder era suficiente para pelo menos criar uma ave, que seria a salvação da Terra.

E foi isso que Deus fez, ele criou um pássaro e mandou o sobre a Terra. O pássaro tinha que dar a vida para salvar o planeta. Ele voou sobre a Terra e o que antes era neutro se tornou alegre.”

Tiago, 10 anos e João Victor, 10 anos.
Narrativa criada a partir da obra *Pombo na grade* (2003) do artista Guilherme Ginane.



ENSINO MÉDIO

Grupos que estão cursando o ensino médio trazem desafios específicos quando comparados a estudantes em outros estágios do ensino. Depois de anos de educação bancária⁹ podem gerar certas dificuldades e vícios na hora de desenvolver um pensamento crítico e criativo. Alguns estudantes se sentem inibidos para realizar questionamentos e expor ideias próprias.

O trabalho do Educativo IFF, então, a partir das obras de arte, foi procurar exercitar o pensamento abstrato, interpretações imaginativas, desconectadas da realidade, possibilitando novas interpretações do mundo.

Gil Neto, arte-educador.

“As duas visitas realizadas pela Oficina Literária Puntel, foram compostas por grandes grupos de alunos, de faixas etárias variadas. Boa parcela dos visitantes já estavam na reta final do ensino médio, ou eram alunos que se dedicavam exclusivamente aos cursinhos pré-vestibulares.

Existe uma preocupação clara nesses estudantes, acostumados com os conceitos de certo e errado, em procurar respostas concretas para todas as situações.

Em nossas conversas foram abordados temas sobre o cotidiano, como se relacionam com diferentes manifestações artísticas, e como a criatividade pode ser suprimida pelas necessidades do mundo contemporâneo.

Acostumados com redações direcionadas, pautadas em um único tema e realizadas individualmente, tentamos apresentar uma proposta diferente aos estudantes. O exercício sugerido, de livre tema, foi a confecção de uma redação, em duplas ou trios, inspiradas em uma ou mais obras de arte da exposição *#iff2018*, escolhida por eles mesmos, a partir de fragmentos poéticos sorteados.

Ficou evidente o espanto dos grupos ao saberem que teriam que executar as redações em tempo reduzido, e como trabalhar e pensar em equipe pode criar barreiras e contradições. Os resultados foram surpreendentes, principalmente nos grupos em que havia uma maior disparidade nas faixas etárias dos integrantes.

As experiências foram compartilhadas e comentadas por todos. Posteriormente, os estudantes da Oficina Literária Puntel nos enviaram cartas, redigidas especificamente aos arte-educadores que realizaram as visitas, expressando suas experiências pessoais e considerações finais. Foi gratificante, saber que em apenas uma tarde, pode-se expandir a percepção de crianças, adolescentes e jovens adultos, enriquecer seus repertórios e indicar caminhos e soluções distintas para pequenas tarefas.” **Pedro Toledo, arte-educador.**

⁹ FREIRE, Paulo. (1997). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

“Recebemos as turmas do 9º ano do Ensino Fundamental e 1º ano do Ensino Médio do Colégio SESI.

Quando me reuni com o grupo no território escolhido para nos apresentar, pedi a todos que imaginassem que pudessem ter uma super-habilidade, um superpoder. Observei que, ao fazer essa proposta, os adolescentes frequentemente escolheram habilidades que interferem de alguma forma na vida social, como a de ler mentes ou ficar invisível, o que revela características da personalidade de cada um deles em uma fase de transição para a vida adulta e suas dificuldades na convivência coletiva. Passei a perguntar, em seguida, se gostariam que alguém pudesse usar essas habilidades ao seu redor, para perceber suas reações e propus uma reflexão sobre como a privacidade é importante na vida em sociedade.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Nesse meu canto
Eu reconheço e agradeço
Por esse tempo de sossego
Porque acima de tudo
Me faz pensar e refletir
que mesmo a vida não
sendo fácil eu acho por
acaso um momento pra
sorrir.”

João Vitor Carlos, 15 anos, Victor Bouglex, 18 anos, Carlos Oliveira. 15 anos
Poesia criada a partir da obra *Sem título* (2013) da artista Claudia Melli.

“Escravidão

Me lembro dos dias que me batiam, apenas por seu eu. As marcas que permanecem em minha pele refletem a dor e o sofrimento que, não só eu mas, todos da minha cor passamos. Chicotadas, fome, frio, humilhações foram as “pequenas” coisas que passei. Hoje, aqui nua, meu corpo e minha alma retratam as cicatrizes que tenho. Uma lembrança que nunca pode ser esquecida.”

Karol Borba, 17 anos, Thiago Martins, 14 anos, Giulia Politti, 18 anos, Igor de Lucca, 18 anos e Caio José, 17 anos.
Narrativa criada a partir da obra *Sem título* (1984) de Luís Paulo Bravelli (Carapicuíba — SP, 1942).

“Lâmpadas, lamparinas
Me induziu o caminho de sangue
A qual eu não encheria sem ela,
riscos de cores vermelhas no chão de onde
vinhera?
Da própria luz que consigo encher,
Do dom divino de respirar, de amar...
De lutar contra a morte, contra o medo
Vários corpos já descansaram na paz,
outros
mergulharam nos riscos vermelhos do
sofrimento eterno.
Eu prefiro o amor.”

Lucas.
Poesia criada a partir da obra *Sem título* (1984) de Carlos Fajardo.

“Enigma: A obra que todos têm a chave mas ninguém pode abri-la. Onde o vento bate, mas ninguém sente a brisa.”

Otávio, 14 anos, Marcelo, 14 anos, Frederico, 14 anos.
Enigma criado a partir da obra *Seção diagonal versão 2* (2010) do artista Marcius Galan.



ENSINO SUPERIOR E ENSINO TÉCNICO

“Ficamos muito felizes em poder manter em 2018 a parceria informal com o SENAC, que trouxe turmas do Programa SENAC de Aprendizagem, que visa trabalhar competências voltadas à profissionalização e à cidadania. Recebemos também o Projeto Trampolim, que realiza um trabalho de inclusão de pessoas com deficiência intelectual e em situação de vulnerabilidade social.

A visita ao IFF tem o intuito de trazer uma experiência diferente dentro de um curso voltado à inserção de adolescentes e adultos no mercado de trabalho. A relação entre a visita e a proposta dos programas pode parecer distante, mas a aproximação acontece de forma espontânea. A partir das abordagens temáticas do Educativo IFF, os visitantes têm a oportunidade de dizer o que pensam, interagir com os colegas e desenvolver um pensamento crítico e coletivo.

O pensador Nicolas Bourriaud (França, 1965) diz que “A atividade artística, (...), tenta efetuar ligações modestas, abrir algumas passagens obstruídas, pôr em contato níveis de realidade apartados.” e o IFF é um ótimo lugar para concretizar essas experiências. São visitantes de idades variadas, de realidades diferentes, que se conheceram há pouco tempo e que, durante a visita, têm a oportunidade de interagir de forma real, e trocar ideias de forma livre. As obras de arte, somadas às propostas do Educativo proporcionam um ambiente em que os estudantes se sentem à vontade para expressar aquilo que não costumam dizer, e com isso, sentem-se mais solidários e empáticos ao pensamento dos colegas.

Em uma das visitas, foi pedido a um grupo de estudantes que, a partir de uma pequena frase, escolhessem uma obra que de alguma forma a representasse. A frase que o grupo tinha era: “Sente uma vontade irresistível de soprar.”, escolheram a obra *Palíndromo* (2017), da artista Marília Del Vecchio e criaram uma poesia sobre essa relação.” **Gil Neto, arte-educador.**

“A vida e a morte
A noite e o dia
A Lua e o Sol
O gélido e o fogo
Uma divergência pra visão
E a quietude pra alma
A intensidade de ser,
Está no interior de cada pessoa
Encontrar a luz no do túnel
E fazer da escuridão o seu inimigo, amigável.
O amor pode estar no oculto, sendo o que
fará do fogo não o que queima, mas acende
Oxalá, Deus, Jeová, Maomé, Shiva, Ganesha,
Buda, o que faz seu coração vibrar?”

Maria Júlia, 17 anos, Gabriele, 18 anos e Maria
Beatriz, 19 anos.

Poesia criada a partir da obra *Palíndromo* (2017), da
artista Marília Del Vecchio.

“full half hour

Se divide pela metade e pela metade e
pela metade
até que se renove na soma das partes
de um novo dia.”

Bianca Ferreira, 18 anos, Julia Caminiti, 18
anos e Diego Rosa, 18 anos.
Enigma criado a partir da obra *Full Half-
Hour* (2014) da artista Laura Vinci.

“Um certo dia, Lucas e Yasmim saíram para dar uma volta, passaram por vários lugares diferentes, e resolveram para de baixo de uma grande árvore com uma sombra agradável, eles ficaram horas e horas conversando debaixo de uma árvore, na hora que Lucas e Yasmim resolveram ir embora, começou uma chuva com relâmpago, e cada piscada que Lucas dava, era um relâmpago que acontecia.

E naquela chuva que estava acontecendo, Yasmim virou e disse: Sabe Lucas, todos esses relâmpagos parece o amor!

Lucas vira e pergunta: Por que?

Yasmim virou e disse: Porque esses relâmpagos são de dar medo, igual o amor!”

Lucas Soares, 18 anos.

Narrativa criada a partir da obra *Sem título* (2013) da artista Claudia Melli.

“Recebemos um grupo de alunos do curso de graduação em Biologia, da USP de Ribeirão Preto. Reunimos toda a equipe de arte-educadores para elaborar uma abordagem temática que pudesse criar conexões entre as áreas de arte e biologia.

No início da visita, fizemos o exercício do Polvo¹⁰, que propõe o uso do corpo para formar uma grande escultura humana e envolve todos, gerando novas expectativas do grupo em relação ao andamento da visita.

Divididos em dois grupos, começamos a conversa perguntando por que escolheram o estudo da biologia, para entender suas motivações e interesses principais. Falamos sobre o ato de observar, como ponto de conexão entre a produção artística e no estudo da biologia, sobre a evolução das espécies e nos fatores que influenciam cada detalhe. Ainda conversamos sobre questões sociais e como influenciam no modo que os seres humanos se desenvolvem, como espécie e como indivíduo. Como exercício de arte, propusemos a criação de poemas a partir das obras escolhidas, em duplas ou trios.

O contato com pessoas de outras áreas nos proporciona sempre a oportunidade de criar novas abordagens, de pesquisar novos assuntos e de ampliar nosso conhecimento.

Desta forma, crescemos como indivíduos, como educadores e como equipe.”
Caroline Heldes, arte-educadora.

“Para para

Goro Goro

Pyuu

Nagarero

E eu aqui no meu silêncio.”

Bruno, Bruno e Sumi

Poema criado a partir da obra *Fluidez* (2014) de Newman Schutze.

10 Exercício baseado na obra do artista “Polvo” (2010) do artista Michel Grossman.



Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto e Região - ADEVIRP

DIFERENÇAS NÃO SÃO DESIGUALDADES. INCLUSÃO AO CONTRÁRIO.

“O conceito de inclusão pressupõe que pessoas “diferentes” merecem ser incluídas na sociedade. Acredito que não se trata nunca mais de procurar incluir pessoas “diferentes” em meios sociais, quaisquer que sejam.

Mas, nós é que devemos nos incluir em suas vidas, aceitando-os e ouvindo-os como fontes de conhecimento, principalmente com suas visões do mundo. Precisamos aprender muito com eles.

Uma das missões do Educativo IF está baseada na ideia de construção socialmente plural do conhecimento da arte contemporânea: a formação e convivência de públicos com perfis os mais diversificados possíveis, sem paternalismos nem hierarquias. Enfim, criar formas de convívio sensíveis às características e sutilezas de cada integrante para valorizar suas ideias e opiniões. Talvez a arte não exista para criar conhecimento de forma imediata, mas para produzir aprofundamento de percepções de experiências e vivências pessoais. Isso só acontece, principalmente, quando há a intenção de fazer uma “inclusão ao contrário”.

Vera Barros, coordenadora do Educativo.

As pessoas com deficiência visual podem ser cegas ou ter baixa visão. As pessoas cegas usam os outros sentidos para sua aprendizagem e desenvolvimento e o Sistema Braille para ler e escrever. Os sentidos do tato, audição, olfato e paladar assimilam os estímulos externos que serão integrados ao cérebro, possibilitando a percepção, análise e compreensão do ambiente e boa adaptação a ele.¹¹

“Percebi que a dinâmica feita antes, falando sobre o nosso pensamento, tinha muito a ver com a obra de arte, pois ao caminhar pelas cordas, senti como se eu estivesse entre os neurônios do meu cérebro.” **Carmen Sueli Machado de Brito.**

Este foi o relato feito após a visita de um grupo de pessoas atendidas pela ADEVIRP, parceria estabelecida há três anos.

As visitas no IFF são sempre iniciadas por uma conversa, pois valorizamos muito este primeiro contato como um momento de aproximação não só entre os visitantes, mas com os arte-educadores. Com uma equipe formada por pessoas com todos os sentidos preservados, o contato com as experiências, percepções e atitudes dos deficientes visuais diante, não só das obras de arte, mas do espaço do IFF e de questões cotidianas, torna-se extremamente valioso para que possamos tentar entender e pensar o mundo de novas formas.

11 Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto. ADEVIRP. **Atuação.** Disponível em: <http://www.adevirp.com.br/?page_id=234>. Acesso em: 14 fev. 2019.



Entende-se que um espaço de arte pode apresentar alguns obstáculos de identificação para o público em geral, por questões que vão além das deficiências físicas como, por exemplo, o sentimento de não pertencimento, preconceitos, inexperiência, dificuldade de pensar de forma crítica ou criativa, entre outras. Por isso, o contato com os grupos atendidos pela ADEVIRP contribui para que o trabalho do Educativo seja aperfeiçoado para transcender esses bloqueios e permitir que as experiências dentro do IFF sejam, cada vez mais, acessíveis para todos.

Em 2018, a obra *Da cor da corda*¹² (2015), da artista Amélia Toledo, foi sugerida para apreciação, também pelo fato de que ela pode ser tocada por todos os visitantes do IFF¹³, que poderiam transitar por entre as cordas. Foi possível conversar com todos os grupos, adultos e crianças, sobre questões do pensamento, de como ele se organiza para cada um, sobre a imaginação e sobre sonhos. Mesmo adaptando as perguntas à faixa etária, as relações criadas em conjunto demonstraram grande complexidade, com momentos de dúvidas e de admiração.

Depois da apreciação da instalação, voltamos a conversar e eles puderam relacionar a experiência tátil com o tema da conversa inicial, fazendo novas conexões (sentimentos, cheiros, texturas), mudando as ideias, criando novas perspectivas.

Caroline Heldes, arte-educadora.

“Ao receber a ADEVIRP, em dado momento, quando reunidos em roda, perguntei sobre como eram os sonhos dos deficientes visuais e obtive respostas que me surpreenderam. Os que tinham perdido a visão a menos tempo ainda conseguiam formar imagens novas, enquanto os que tinham perdido a mais tempo sonhavam somente com coisas que conheciam ou, como os que nasceram sem visão, não formavam nenhuma imagem; sonhavam com sons e sentimentos. Lembro-me de pensar em como a visão é algo frágil.

Contudo, o relato mais marcante foi o de um homem que narrou os acontecimentos antes da perda de sua visão. Como sua cegueira era gradativa, ele possuía consciência sobre o fato. Isso o fez com que, segundo suas palavras, começasse a “fotografar” imagens e coisas que conhecia em sua mente, para nunca se esquecer. Dentre elas, estava ele mesmo. Mas como havia passado por um transplante, a última imagem que possuía de si era a de estar se olhando no espelho, com um gorro, e um cateter no pescoço. É com essa imagem, e outras, com que ele sonha.” **Juliano Bernardo, arte-educador.**

12 Descrição da obra de arte intitulada *Da cor da corda* feita pela artista Amélia Toledo em 2015: A obra projetada pela artista Amélia Toledo é uma instalação que ocupa a primeira sala do IFF e está fixada no teto a 4 metros de altura. Sua estrutura de metal é composta por 12 módulos, cada um com 4,4 m², somando uma área total de 52,5 m².

Nesta estrutura estão penduradas aproximadamente 1.200 cordas de 3,43 metros de comprimento. As cores das cordas formam um degradê que se inicia na cor roxa, passa ao lilás, ao azul escuro, azul claro, verde escuro, verde claro e novamente verde escuro, azul claro, azul escuro, lilás, até a cor roxa. Essa obra propõe uma experiência sensorial, onde os visitantes podem andar por entre as cordas.

13 Relato completo em **Diálogos com a Curadoria**, página 22 deste documento.

VISITAÇÃO ESPONTÂNEA

Além das visitas agendadas através de parcerias com as escolas das redes públicas, particulares e outras instituições de ensino de Ribeirão Preto e região, o Instituto Figueiredo Ferraz está sempre aberto ao público, gratuitamente, no período da tarde, das 14:00 às 18:00, de terça a sábado.

O IFF possui uma programação anual de exposições temporárias, geralmente, com duração de dois a três meses. Cada uma delas é inaugurada com um evento cultural, uma “vernissage” aberta ao público, com a presença de artistas e críticos.

Em geral os visitantes são acompanhados por um arte-educador, independentemente do tamanho do grupo. Nestas situações não são realizadas atividades do programa educativo, mas estamos disponíveis para trocas de ideias e esclarecimentos de dúvidas.

Como arte-educadores precisamos tomar cuidado para não transmitirmos nenhuma informação de maneira didática, ou exprimir nossas opiniões pessoais sobre as obras de arte.

Nosso papel é mediar diálogos entre os observadores e as obras.

Procuramos conhecer melhor os visitantes, com delicadeza e atenção, podemos fazer intervenções relacionando as obras a outros campos de conhecimento.

Eles ficam à vontade para contemplar as exposições. Nossas abordagens respondem aos estímulos, respeitando o fato de que algumas pessoas preferem andar em silêncio, com os próprios pensamentos.

É enriquecedor, quando existe essa troca de experiências e repertórios.

Pedro Toledo e Gil Neto, arte-educadores.

Parcerias

As parcerias formais e informais do IFF visam garantir o acesso de estudantes e professores de instituições públicas e privadas de educação de Ribeirão Preto e região, ONGs e profissionais de diversas áreas à arte contemporânea. Algumas parcerias renovam-se a cada ano, criando relações sólidas, que permitem à equipe do Educativo criar propostas que possibilitem experiências estéticas mais profundas, assim como projetos que são realizados em conjunto com grupos de visitas continuadas, despertando percepções mais sensíveis das obras de arte e da realidade cotidiana.

Secretaria Municipal da Educação de Ribeirão Preto

É com imenso prazer que teremos em 2019 cerca de 2.900 estudantes visitando o IFF, devido à parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que acontece há 6 anos. Acontecerão também cursos de formação que serão feitos para mais de 300 professores, coordenadores e diretores, com base em documento formal assinado, garantindo transporte para todos os estudantes, porque o IFF foi a única instituição escolhida para parceria em artes neste ano, entre outras.

Vera Barros, coordenadora do Educativo.

“Em 2018, os estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal que visitaram o IFF, muitas vezes tímidos no primeiro momento, por estarem em um ambiente diferente da escola, mostraram-se sempre muito atentos e curiosos em todas as etapas do encontro, desde a nossa primeira conversa, ainda na marquise do prédio, até na hora de se despedirem, a caminho do ônibus. Foi um trabalho realmente especial participar do primeiro contato destas crianças com a arte contemporânea, observando suas perplexidades e dúvidas, propondo diálogos para que se aproximassem das obras de arte, se expressassem e se divertissem enquanto desenvolviam ideias e criavam novas interpretações.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**



“O planeta branco

Na era dos dinossauros, o meteoro caía
Enquanto não chovia. O dinossauro
Zacarias, com tamanha preocupação,
danou-se a correr, ao encontro de uma
aldeia, encontrou seu irmão.
Embaixo do por do Sol, eles corriam no
meio do planeta branco.

Juan, 14 anos, Carlos, 14 anos, Gabriel C., 14
anos e João, 14 anos.
Narrativa criada a partir da obra *Como a luz*
(1988-1996) da artista Shirley Paes Leme.”

“Um dia, uma deusa romana foi
amaldiçoada, por que ela foi desobediente
com os deuses. Essa maldição era tudo o
que ela mais temia, pois era muito cruel.

Tudo o que ela tocasse viraria pedra.
Ela acabou se escondendo de todo mundo,
mas um dia ela resolveu sair pelas nuvens,
mas sem querer tocou em uma nuvem.
Um buraco no chão surgiu na Terra, era
uma pedra branca, que um dia foi uma
nuvem.”

Lisiê, 11 anos, Leonardo, 11 anos e Lucas B.,
11 anos.
Narrativa criada a partir da obra *Sem título*
(1997) do artista Carlito Carvalhosa.

“Pensam que eu sou real
Acha que eu sou falso
Não faço isso por brincadeira
é uma obra de arte que é
um arraso.”

Thais, 12 anos e Júlia, 11 anos.
Enigma criado a partir da obra *Translúcido II*
(2015) do artista Marcius Galan.

“Em uma terra muito distante, uma mulher
valente. Até que um dia que viu uma coisa
estranha e diferente no lago.

Ela se aproximou mais e mais, até que um
braço estranho puxou-a para dentro do
lago. Ela conheceu um homem apresentou
o lugar em que estava, pois aquilo não era
um lago, era outra dimensão, em que tudo
era possível. Mas esse homem a pegou e
fez experiências estranhas com ela, queria
a transformar em um tipo de gato. Até que
um heróico a salvou. Era um bruxo que a
transformou em mulher novamente.”

Stephanie Eliza, 11 anos, Beatriz Facch, 11 anos
e Nathan Leone, 12 anos.
Narrativa criada a partir da obra *Senhora do
Irupé* (2014) do artista Fernando Lindote.

“Refletir
É como água
É como amor
É a arte que nos traz
Um desejo incessante
De poder pensar
É um espelho
Que reflete a alma
E profundamente
Nos traz a calma.”

Mellany, 14 anos e Alexandra, 14 anos.
Poema criado a partir *Sem título* (2014)
do artista Carlos Fajardo.

Diretoria de Ensino da Região de Ribeirão Preto e Fundação para o Desenvolvimento da Educação - FDE

Uma das etapas da parceria do IFF com a Diretoria de Ensino da Região de Ribeirão Preto foi dar continuidade às palestras para professores e coordenadores pedagógicos. Programa que acontece há 3 anos. Depois de muitos anos, somente em 2018, retomamos, desde 2015, a visita de estudantes, o que foi um imenso prazer para o IFF. Esperamos dar continuidade no segundo semestre de 2019.

Importante comentar que decidimos, em 2018, convidar professores e coordenadores de diversas disciplinas, além de artes visuais, o que tornou a troca de ideias e experiências muito mais ricas, verdadeiramente transdisciplinar. Na verdade, procurei criar um “laboratório de reflexões” sobre o que “a realidade esconde” para gerar compreensão crítica do mundo a partir da contemplação e interpretação das obras de arte da Coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz.

Elegi e pesquisei temas conectados, direta ou indiretamente, com a poética e a estética dos artistas da coleção, alguns especialmente focados na ideia da condição humana, ou seja, ao condicionamento dos seres humanos para manutenção de sua existência, do mundo e dos outros, mas, especialmente, sobre a importância da inutilidade da arte, pelo seu poder transformador que está exatamente no que parece inútil. Procuramos de alguma forma interpretar obras de arte para que expandam as possibilidades de interpretar o mundo.

Vera Barros, coordenadora do Educativo.

Após alguns anos de hiato, em 2018, o Instituto Figueiredo Ferraz reatou a parceria com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE) através do projeto Cultura Ensiná. Recebemos turmas de alunos do Ensino Fundamental II e Ensino Médio.

Também foram realizados quatro encontros, totalizando 252 professores, do Curso de Formação de Professores da Diretoria de Ensino da região de Ribeirão Preto. Foram elaborados e pautados por palestras que abordaram temas do mundo contemporâneo e geram inúmeras discussões. Dividimos os professores em grandes grupos e realizamos atividades escritas, que seguiram os mesmos moldes das atividades realizadas com os estudantes que visitam o IFF.

Pedro Toledo, arte-educador.

Seguem as sinopses das palestras:

O Medo:

O medo na contemporaneidade. Algumas obras de arte podem despertar sentimentos que nunca tivemos. Que uso podemos fazer de uma imagem que provoca medo? O medo está dentro ou fora de nós?

Utilidade do Inútil:

Para o ser humano hoje é realmente cada vez mais complicado mostrar interesse por algo que não implique um uso prático e imediato com objetivos técnicos. O filósofo italiano Nuccio Ordine (professor, filósofo e crítico literário italiano, Itália, 1958) nos estimula a fazer dos “luxos”; inúteis como a arte, a literatura e a poesia instrumentos úteis de oposição à barbárie.

Ditadura da Informação e a Influência na Apreciação e Interpretação do Mundo e das Obras de Arte:

O século XX ficará na história humana como o momento em que nos tornamos uma civilização planetária. Do nascimento da World Wide Web (www) com a primeira proposta para sua criação a 25 de março de 1989 até hoje. Qual a importância do pensamento sistêmico, de uma dinâmica mental para entendermos os limites da tecnodependência e do mundo virtual?

Quando as pessoas pensam em tecnologia, pensam nas questões do trabalho, como codificação e robótica, mas antes as crianças precisam aprender a ser cidadãos digitais. As crianças precisam saber que quando colocam algo na internet, aquilo pode permanecer lá para sempre. As escolas deveriam ensinar essas competências. O padrão é igual em todos os países: a maioria das crianças e adolescentes não fazem busca ativa por conteúdo inapropriado – a informação aparece para elas.



Por Que Julgamos que a Diferença Seja um Problema? Segundo Achille Mbembe (República dos Camarões, 1957):

Uma reflexão que acontece em todos os âmbitos sociais em todo mundo e não só no Brasil sobre quem é o outro e com quem as pessoas não conseguem se relacionar, xenofobia, sadismo, exclusão, nacionalismo, o lugar do estrangeiro ao seu lado, os perigos de “culturas únicas” e espaços de articulação para a diferença. O que queremos dizer com a palavra diferença? Por que ela está tão naturalizada? E o que devemos fazer com a diferença? A premissa aqui é de que a diferença tem que ser reconhecida, aceita e ao mesmo tempo transcendida.

“Espaço em Branco

Aqui pensando, me imagino voando
Sob novos céus, aderindo novos planos
A liberdade de um pássaro é como um
espaço em branco
Limitados fisicamente somos, mas
abstratamente
Nós nos adequamos

Andando em círculos por geração em
geração
Sobrevivendo como motivação
Preso em uma rotina, não daria para fugir
andando
“Vivo” para viver e assim vou
complementando.”

Matheus, 17 anos e Caio, 15 anos.
Poesia criada a partir da obra *Pombo na grade*
(2003) do artista Guilherme Ginane.

“Onde o nada dorme?

O nada dorme quando algo morre; quando o
tempo para; quando não se tem mais palavras
para se expressar; para mostrar aquilo que
tanto queremos
Quando se tem alguém e essa pessoa
vai embora.”

Raissa, 17 anos, Carmem, 17 anos, Ingrid, 16
anos e Tamara, 16 anos.
Texto criado a partir da obra *Outra história*
(2014) da artista Mariana Mattos e da
pergunta “onde o nada dorme?”

“Em um dia comum
Em um lugar monótono
Sensações atingem quem observa
Uma calma que agita
Um silêncio ensurdecedor
E um vazio impreenchível
Quem observa
Sente,
Não transmite. Guarda em si.”

Natália, 16 anos, Laura, 17 anos, Bruno, 16
anos.

Poema criado a partir da obra *Sem título*
(2013) da artista Claudia Melli.

“Bicho das cavernas

O bicho da caverna que tem cabeça de cavalo,
pé de porco, rabo de macaco, pescoço de
girafa e corpo de centauro. Come tomate e
cenoura.”

Davison, Luiz e Raysson, alunos do 6º ano do
Ensino Fundamental.

Personagem criado a partir da obra *Mesa
alongada* (2012) do artista Edgard de Souza.

“Neste planeta, os galhos se vestem de flores,
as nuvens tocam o chão e uma vegetação
totalmente peculiar. Na noite, o céu é branco
e de dia ao amanhecer o Sol ilumina um
prisma que deixa o céu colorido, e a tarde as
folhas ficam pretas mostrando um belo por
do Sol.”

Cleiton, Pedro, Enderson, Caio, alunos do 1º
colegial.

Planeta criado a partir de diversas obras a
exposição #iff2018.

ETEC Prof. Alcídio de Souza Prado - Orlândia/SP

“Sabe quando o amor à arte em todas as suas manifestações e seu ensino a torna o motor da sua vida como coordenadora e professora em Orlândia? Mariana Marques é essa pessoa que trabalha de forma apaixonada, até irreverente, em alguns momentos, para garantir experiências estéticas para seus alunos e professores amigos.” **Vera Barros, coordenadora do Educativo.**

O grupo que participa do programa de visitas continuadas da ETEC de Orlândia foi neste ano, assim como em 2017, uma experiência enriquecedora para o Educativo IFF. Estivemos juntos em três encontros, onde todas as propostas foram pensadas especificamente para o grupo e colocadas em prática pela primeira vez. Muito abertos aos desafios de cada exercício de arte, surpreenderam sempre pelo comprometimento e pelo resultado. É muito bom estar diante de jovens dispostos a encarar o mundo de forma crítica e subjetiva e construir ideias em conjunto, estabelecendo uma relação de alteridade.

Caroline Heldes, arte-educadora.



“Recebemos o grupo pela última vez no ano, em 30 de agosto de 2018. Planejamos com antecedência abordagens que os desafiassem em todos os momentos da visita. Fizemos inicialmente o exercício do Polvo¹⁴, como uma proposta para que eles trabalhassem a corporeidade em conjunto. Preparamos como exercício de arte principal a criação, em trios, de um enigma, baseado em 4 elementos diferentes, que deveriam ser combinados em um só texto: uma palavra, uma pergunta provocativa, um trecho poético e principalmente, uma obra de arte. Disponibilizamos todo o segundo piso da exposição #iff2018 para a escolha da obra e desenvolvimento do exercício. Os resultados alcançados

¹⁴ Exercício baseado na obra do artista “Polvo” (2010) do artista Michel Grossman.

foram excepcionais: enigmas poéticos cheios de significados que proporcionaram uma dinâmica muito divertida no final. Todos tentaram adivinhar quais os trabalhos escolhidos pelos colegas, inclusive os arte-educadores. Demonstraram interpretações complexas e pensamento crítico, traçando pistas sutis para as características de cada obra de arte. Ao final nos sentamos para conversar sobre as experiências dos estudantes com o projeto de visitas continuadas que foi realizado durante o ano, falamos sobre como os encontros transformam sua sensibilidade e a maneira como se comportam diante dos fatos, multiplicando as possibilidades de percepção do mundo. Como uma surpresa, pedi ao nosso presidente João Carlos de Figueiredo Ferraz que se juntasse à conversa para que eles pudessem conhecê-lo e compartilhar suas vivências dentro do IFF, puderam ouvir a história do Instituto contada pelo próprio fundador e entender um pouco melhor suas motivações e sua grande paixão por arte contemporânea.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Quando amo, sou implacável
Quando exagero, sou destrutiva
Quando converso com minha amiga, alta
Troco cantigas e carícias sôfregas
Formamos uma bela tempestade
De perto sou dilúvio, como amor na
juventude
De longe me queimei como paixão
madura
Dentro de minhas ruínas há uma pequena
rua intacta
Majestosa, Solitária, Devastadoramente
linda
E como fênix, nasci das cinzas de carvão
em brasa.”

Ana Livia, 16 anos, Gabriele, 17 anos e Vitória,
16 anos.
Enigma criado a partir da obra *Esto fue otro
lugar* (2010) do artista Matías Duville.

“Ilusão é mistério de borboleta bruxa
Passa-te uma metamorfose
Boa ou ruim
Não importa, faz mudar
Aquilo que te cega
Ilude-te o vermelho que escorre
Mas não é tinta nem coração
Ilusão é tua raiva náufraga
Teu fim e impureza
Seu pecado
Sem perdão.”

Enigma criado a partir da obra *Sem título*
(2012) de Fabrício Zimbres (Outro Preto - MG,
1933).

“O pensamento, muitas vezes nos prende
a algo, como barragens que impedem as
ondas de seguirem o seu caminho. Ficam
em um movimento de vai e vem, sem
voltar para a realidade.”

Maria Eduarda, Milena, Bruna, Carlos e Sara,
alunos do 1º ano do ensino médio.
Performance criada a partir da obra *Sem título*
(2011) da artista Iole de Freitas.

“Matemática padronizada
Dois mais dois sempre quatro
O peão sempre gira em círculos
Como bumerangue, sempre volta ao
mesmo lugar
Subindo e descendo os degraus
continuamente caindo na mesma vala
Volte ao seu quarto, saia de casa,
pule o brinquedo, durma as nove
Indo e voltando pela mesma trilha
O que aconteceria se eu sáísse?
Posso ver estrelas, e posso ver o vazio
Posso ver o Sol, mas também posso ver a
Lua
Escada sem fim, posso pular um degrau?
Não aguento mais seguir em círculos
Posso viver em um mundo cheio de
possibilidades
Mas não posso cair na mesma armadilha.”

Vitória, 16 anos e Ana Livia, 16 anos.
Poesia criada a partir da exposição *Todas as
escadas* (2018) da artista Regina Silveira.

Escola Arte do Museu

Toda a obra de arte é uma personalidade. O artista vive nela, depois de ela ter vivido um longo tempo dentro dele.” Vargas Vila (Colômbia, 1860-1933), escritor.

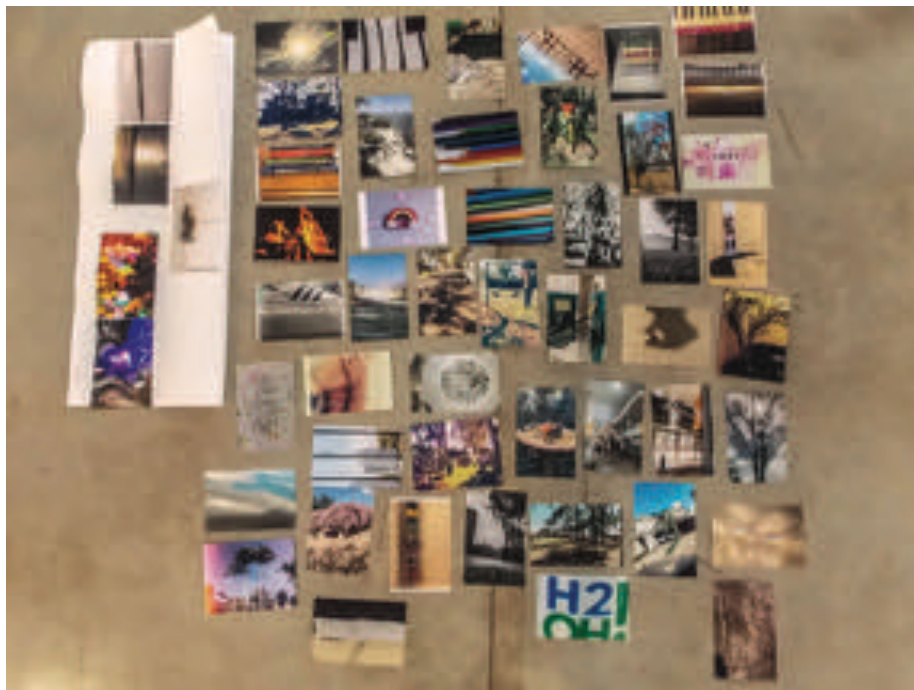
“Na proposta desse ano, os estudantes escolheram de três a cinco obras da exposição #iff2018, pesquisaram sobre os artistas e usaram as informações como inspiração para tirar cinco fotografias. A atividade foi dividida em etapas:

- Apreciaram as obras de arte de forma breve.
- Os estudantes escolheram as obras de arte que lhes chamaram a atenção.
- Pesquisaram sobre os artistas.
- Realizaram, durante as férias escolares, fotografias inspiradas nos trabalhos dos artistas escolhidos.

Por fim, cada estudante apresentou suas fotografias, contando um pouco sobre o processo do seu trabalho. A seguir, dispusemos as fotos no chão, como se montássemos uma pequena exposição. Cada aluno foi responsável por escolher onde posicionaria suas fotografias. O exercício fez com que eles criassem sua própria “curadoria”.

Foi um enorme prazer constatar que o Programa Educativo IFF possibilita experiências estéticas singulares com a arte contemporânea.

A Escola Arte do Museu junto com suas visitas continuadas pôde nos proporcionar uma parceria marcante e de muito aprendizado.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**



Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto - SBPRP

“Eu escolhi, há alguns anos, fazer contato com a SBPRP, para realizarmos uma parceria com seus integrantes formados ou em formação, porque a psicanálise, pelo o que compreendo, minimamente, não entende a arte como terapia, arte-terapia. Mas, como uma fonte de conhecimento inesgotável do ser humano. A arte não pode se reduzir a um instrumento de qualquer outro campo de conhecimento. Talvez, a psicanálise possa ser pensada em uma posição de aprendiz em relação à arte, como mencionado em alguns estudos de Freud (República Checa, 1856 – 1939).” **Vera Barros, Coordenadora do Educativo.**

Agradecemos a parceira com a SBPRP, que chega ao terceiro ano tornando-se uma experiência mais intensa. Fizemos quatro encontros onde, para cada um, criamos uma nova abordagem, com novos materiais, sempre em busca de desafiá-los com novas provocações. Falamos sobre poesia, corpo, comportamento, linguagem, entre outros assuntos. Criamos uma relação de confiança e cumplicidade ao longo do ano.

“Em novembro, tivemos o prazer de receber, no dia 10 de novembro, uma visita organizada em conjunto com os membros da SBPRP, de um grupo que participou do encontro Regional ABC Sudeste I “*A Psicanálise em formação: clínica, fronteiras e territórios*”, para o qual preparamos pequenas propostas¹⁵ que poderiam ser realizadas individualmente durante a visita. No final, conversamos sobre as experiências de cada um com as obras de arte e com o espaço do IFF, compartilhamos os resultados e as ideias de todos.

No nosso último encontro, criamos uma proposta baseada em um experimento de linguística, citada pelo pesquisador André Souza (Ph.D. em Psicologia Cognitiva e pesquisador no Facebook) no podcast *A Chegada e o ciclo linguístico*¹⁶.

Preparamos uma lista de 9 verbos diferentes divididos em duas categorias que resultam em ações similares. Sem explicação inicial, convidamos uma pessoa para performar as ações enquanto as outras, que estavam assistindo, deveriam anotar o que acreditavam ser o verbo correspondente ao que estava vendo.

Verbos utilizados:

Categoria 1: ver, olhar, observar, analisar e encarar.

Categoria 2: tocar, encostar, relar e cutucar.

O propósito do exercício era percebermos como a linguagem escrita, falada e corporal estão dissociadas, e como questões culturais influenciam na maneira como interpretamos uns aos outros. É possível perceber essas relações também na maneira

¹⁵ As propostas individuais incluíam a criação de fotos e vídeos no espaço expositivo, baseadas em frases e poesias escolhidas pela equipe do Educativo IFF. Concepção da abordagem surgiu partir do diálogo com o Projeto Educativo da 33ª Bienal de São Paulo, presidida pelo nosso fundador e atual presidente João Carlos de Figueiredo Ferraz.

¹⁶ OTTONI, Alexandre; PAZOS, Deive. **A chegada e o ciclo linguístico**. 31 mar. 2017. Podcast disponível em: <<https://jovemnerd.com.br/nerdcast/chegada-e-o-ciclo-linguistico/>>. Acesso em: 27 set. 2018.

como os artistas se expressam e em como interpretamos as obras de arte, de acordo com referências pessoais. O diálogo começou a partir das percepções de cada um ainda sem saberem os motivos da proposta, somente baseando-se na experiência. Aos poucos fomos colocando questões como: linguagem, linguagem universal, eficiência da linguagem e sua influência no desenvolvimento cognitivo do ser humano, na maneira como pensamos e percebemos o mundo e o tempo.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Saber um Idioma
Definir um significado
Escolher 1 palavra
Com que cor?
Com que corte?
Quem já teve a alma
Rasgada
Já encontrou carta
Já escreveu resposta
Já esperou palavra
Para ver, se acaso,
A palavra ilumina
Para ver, no caso,
Se a palavra cicatriza”

Simone.
Poesia criada a partir da obra *Uma faca só lâmina -2* (2008) do artista Nuno Ramos.

“Meus olhos vêem
A constelação infinita, negra e iluminada
Perco-me
Busco e repúdio,
A beleza inunda
Mas realidade dá contorno
E seus olhos piscam
E me traduzem o indizível
Restituindo-me no agora”

Luciana Gil.
Poesia criada a partir da obra *Bañista amarillo* (1995) do artista Carlos Vargas Pons (México, 1968).

A parceria do IFF com o Instituto de Psicanálise da SBPRP iniciará, em 2019, seu quarto ano. Ao longo deste período, participamos de diversos formatos de visitas guiadas e, em absolutamente todas elas, eu consegui produzir algum texto, poesia, imagem como consequência destes encontros.

Em 2018 não foi diferente. Aliás, em 2018, tivemos uma visita diferente. Os Membros Filiados (Candidatos) do Instituto de Psicanálise, em parceria com a Associação Brasileira de Candidatos a psicanalistas, sediou o Encontro Regional Sudeste, com a participação de colegas dos Institutos de Rib. Preto, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Campinas e Rio de Janeiro. E, nesta oportunidade fizemos questão de levar os participantes do Encontro para uma visita guiada ao IFF, nos mesmos moldes que mensalmente (ou bimestralmente) fazemos. Como um dos intuitos do evento era discutir a Formação Psicanalítica, pensamos que a nossa formação passa diretamente pelas visitas ao IFF, uma vez que nestas visitas podemos pensar tanto a clínica psicanalítica, quanto o viver, o sorrir e o sofrer do ser humano.

Recentemente pedi ao Daniel Freitas que escrevesse um comentário sobre a nossa experiência no IFF ao longo de 2018. Eu, infelizmente, pude ir poucas vezes no ano passado e confiei a ele, porque confio nele, a tarefa de escrever o relato. Segue o relato/poesia:

“Você pode escrever sobre a nossa atividade no Instituto Figueiredo Ferraz? Um feedback? Uma descrição? A minha visão, versão? Para eles, quem? Versão institucional ou pessoal, para as pessoas de lá? Não sei, se sei, qualquer resposta dessas. Posso escrever para o que quero, e se isso servir, tanto melhor. Meu canal de ligação no IFF é pessoal. Eu pessoalmente sinto um bem estar com essa atividade. Desde o início da experiência não perdi uma reunião sequer, nunca quis. O vôlei faz as pessoas crescerem, ou simplesmente seleciona os altos? Geralmente quem joga vôlei é bem alto. Balé emagrece? Outro dia vi num prédio espelhado, que refletia irregularmente uma fachada de um cartório, uma ótima foto, uma ótima "obra"! Fiquei arrependido de não ter uma câmera capaz de captar aquilo que eu vi. As cores, as irregularidades, o céu ao fundo... Não foi um prédio que eu vi, foi uma obra de arte. "Só" faltou a "captação", a foto, o enquadramento, a luz, a moldura, enfim a obra toda. Faltou no sentido de mostrar para os outros, para mim a captação aconteceu. Me surpreendi com uma emoção, uma "compreensão" súbita de alguma coisa que eu não defino. Me senti entendido em arquitetura, em fotografia, em ver o invisível, em sentir e em estar vivo. Não domino nenhuma dessas áreas ou habilidades, mas naquele instante eu sabia o que não sei. Isso é fruto de treinamento, de sorte, constituição genética? Quem vai e fica, numa atividade dessa, como a do IFF, já está predisposto? Ou será que fica disposto, torna-se disposto? Um caso de pós-exposto? Pós-exposição? Exposição a quê? De quem? Posso dizer da minha observação de nossa pós-exposição. Sempre que chegamos da atividade no IFF, percebo que a vibração da turma fica aumentada. Um contador Geiger acusaria alto índice de radiação, de energia. Alguma coisa que atravessa, fica. Não sei se aí que ocorreu a alteração genética, não sei se já era um mutante, mas a radiação corre por vezes em minhas veias, sem controle de quando, ou quanto... um Hulk? Tem a questão da pré-exposição, uma predisposição ao encontro que coloca um sorriso em meu rosto. Muito em função da condução gentil, amigável e competente dos arte-educadores que com paciência e paixão nos guiam para ver o invisível com os olhos desconhecidos. Não sei se disse o que deveria, sei que foi de dentro.” **Daniel Rodrigues de Freitas, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.**

Mais uma vez fazemos questão de agradecer a toda a equipe do IFF, principalmente à Vera, à Carol, à Ingrid, ao Gil, ao Pedro e ao Juliano, que nos proporcionaram momentos de rico aprendizado.

Gustavo Machado, membro da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto.

Exposições Temporárias

Foram realizadas em 2018, além da exposição de longa duração #iff2018 – Coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz –, outras nove exposições em diferentes dimensões e períodos. As exposições individuais possibilitam um maior entendimento da trajetória dos artistas, suas poéticas e conceitos, o que o Educativo IFF procurou explorar, para além da visitação, criando abordagens específicas, convidando para um olhar mais poético sobre as obras de arte.

YAMAMOTO MASAO

Fotografias

Período: 10 de março a 05 de maio.

IMAGENS IMPRESSAS: UM PERCURSO HISTÓRICO PELAS GRAVURAS DA COLEÇÃO ITAÚ CULTURAL

Período: 10 de março a 05 de maio.

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO – Marcius Galan

Período: 26 de maio a 11 de agosto.

PAULO PASTA (Obras da Coleção)

Período: 09 de junho a 15 de dezembro.

PEQUENOS FORMATOS (Obras da Coleção)

Período: 09 de junho a 11 de agosto.

TODAS AS ESCADAS – Regina Silveira

Período: 25 de agosto a 06 de outubro.

POLAROID – Ana Sário

Período: 25 agosto a 15 de dezembro.

MARCUS VINICIUS | ESTRUTURA QUADRO: TRAJETÓRIA EM RETROSPECTIVA 1998- 2018

Período: 27 de outubro a 15 de dezembro.

Yamamoto Masao – De 10 de março a 05 de maio

A exposição do artista Masao Yamamoto foi inaugurada no início de 2018 com uma incrível seleção de 42 pequenas fotografias em tons de cinza, com pequenos toques de cor, que conferiram uma atmosfera de delicadeza ao espaço da exposição. As fotos eram acompanhadas por poemas de origem japonesa, denominados Haikais.

As dimensões das fotos do artista, faz com que o observador se aproxime para olhar de perto, como uma relíquia de um passado muito distante, que exige certo esforço para buscar na memória os detalhes. Assim o visitante de olhos semicerrados contempla os objetos, galhos, animais e paisagens que o artista captura.

Preparamos para o grupo da Terapia Ocupacional do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, uma abordagem com a criação de pequenos poemas baseados nas fotografias e haikais do artista, que eles escolheram individualmente. No final, todos puderam compartilhar os poemas elaborados e observar as fotografias novamente sob o olhar do outro.

Caroline Heldes, arte-educadora.

Atalhos: Fragmentos do real, Fabio Miguez – 10 de março a 5 de maio

A exposição refletiu e condensou a produção recente do artista, onde os pequenos formatos, possibilitam uma prática quase diária de pintura, que isola determinados elementos de sua obra e de mestres da história da arte, para criar pequenas unidades de linguagem, que diferenciam e aproximam as telas entre si.

Recebemos uma turma da Escola Estadual Dr. Guimarães Jr. no dia 06 de junho e um dos grupos visitante escreveu um texto relacionado às obras de arte de Fábio Miguez:

“Acordei hoje com uma certa ansiedade, seria a primeira vez que veria minhas obras do ponto de vista de quem olha, e não de quem faz.

No caminho para o Instituto, perguntei-me se gostaria do que observaria por lá, e, por mais incrível que pareça, gostei de minha resposta.

Quando entrei e comecei a visita, a primeira obra que vi foi uma escultura minha que fiz em 2010, e a princípio lembrei que estava confuso, mas queria me encaixar de alguma forma no lugar que eu estava. Por isso fiz aquela obra, de certa forma, uma se encaixa na outra, mas ao final, tudo é muito confuso.

A outra obra que vi foi uma arte abstrata que me lembrou uma fase de minha vida, lembro que nessa fase eu queria COR em minha vida e representei isso no quadro.

Depois, segui a visita e voltei para casa, tendo a certeza de que, anotar minhas emoções e organizá-las em obras é o meu talento.”

Pedro Vieira e Daniela, estudantes do Ensino Médio.

Narrativa criada a partir da exposição *Atalhos: Fragmentos do real*, do artista Fábio Miguez.

Instrumentos de Precisão, Marcius Galan – De 26 de maio a 11 de agosto

“A maior parte do meu trabalho explora as capacidades metafóricas do espaço e nossa relação com ele através de sua ampla prática que inclui instalação, escultura, pintura, fotografia e vídeo. Usando a geometria abstrata para delinear as implicações políticas e sociais de seus ambientes escolhidos, desconstruindo os códigos de objetos estabelecidos através do uso cotidiano. Embora essas configurações sejam sempre executadas com simplicidade gráfica, as obras são, de fato, um material complexo que interroga as funções, limites e fronteiras do espaço e, por extensão, os sistemas sociopolíticos que aí residem”¹⁷

Recebemos os professores da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo e pensei que seria uma boa oportunidade para desenvolver minha proposta¹⁸. Conversamos durante um tempo e, pensando sobre como se daria a realização das obras e o processo criativo do artista, sugeri aos visitantes que criassem um enigma a partir de relação que construíssem entre uma palavra escolhida livremente e uma das obras de arte da exposição. Um dos grupos, que escolheu a palavra "destino", optou por desenvolver um enigma a partir da obra *Instrumentos de precisão* (2017).” **Gil Neto, arte-educador.**

17 Abstraction in Action. **Marcius Galan**. Disponível em: <http://abstractioninaction.com/artists/marcius-galan/?fbclid=IwAR2gpSQIFkIFWAZ_YZwoAw_hJBXVaKs5Wxllpp_qGF6dvM-vMLXVqSL5e9Y>. Acesso em: 20 dez. 2018.

18 Texto completo em *Sinto que penso, penso que sinto*, na página 40 desta publicação.

“Ao mesmo tempo que destrói, é capaz de construir.
É como a órbita dos planetas.
Circular como a alma humana.
Intensa como o destino.
É fonte de inspiração para poetas, arquitetos e religiosos.
Rompe, perfura e sustenta.
Nos caminhos tortuosos da minha vida, percebo que minha alma humana é circular, como a órbita dos planetas e os volumes de uma pétala.”

Marcela Arantes M. Soares, Vanessa Paulini, Adriana Carla de Oliveira.
Enigma criado a partir da exposição *Instrumentos de Precisão*, do artista Marcius Galan.

Paulo Pasta – 9 de junho a 15 de dezembro

A exposição individual do artista Paulo Pasta, contou com nove pinturas que integram o acervo da Coleção Dulce e João Carlos de Figueiredo Ferraz.

Paulo Pasta diz que seu trabalho é silencioso, mas pode-se chamá-lo de atmosférico. As obras de arte convidavam o espectador a mergulhar em um universo de tonalidades sutilmente diferentes que criam uma espécie de tensão. Como um prelúdio a um desfecho, ou seria a introdução a algo que está por vir?

As obras requerem um olhar paciente, uma observação lenta e calma que identifique as suaves variações tonais. As cores são sempre preparadas, misturadas e criam transições suaves. Por vezes enxerga-se formas e sombras onde não existem. Será?

“Quando uma cor não se distingue de outra, se constrói uma relação temporal”¹⁹.

“Idade: 18 anos.
Nome: Drácula.
O que mais gosta de fazer: Chupar sangue.
A cor preferida: Vermelho.
Onde mora: Castela.
Como ele é: Pálido e imortal.
Como ele se veste: Capa preta e gola vermelha.
Tem família: Só no cemitério.
Não gosta de pessoas.”

Henrique e Pierre, 11 anos e Fernando, 12 anos.
Personagem criado a partir da obra *Sem título* (1999) do artista Paulo Pasta.

Pedro Toledo, arte-educador.

19 Citação do artista Paulo Pasta. FAPESP, Agência. Paulo Pasta. 2016. 18:02 mins. Disponível em: <[youtube.com/watch?v=sY7s8J4zh04](https://www.youtube.com/watch?v=sY7s8J4zh04)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

Todas as Escadas, Regina Silveira – 25 de agosto a 27 de outubro

A exposição centralizou-se na pesquisa da artista que consiste em criar distorções e ilusões na perspectiva de imagens de escadas. São silhuetas construídas a partir de apropriações de catálogos e revistas, cujas alterações podem retificar-se pela posição do observador. Em sua maioria, as imagens materializaram-se como adesivos de vinil que se estendiam do chão às paredes, acompanhados de seus respectivos projetos; também havia uma escultura, uma videoinstalação e obras pintadas em cerâmica e madeira.

Além da evidente contravenção às normas do desenho arquitetônico, a artista possui o intuito de caracterizar a escada como um objeto filosófico. Isso diz respeito aos significados poéticos atribuídos pelos observadores, que se deve pela sensação de vertigem e a sugestão de abismos e espaços que podemos adentrar; e de fato, conseguimos atestar tal efeito pela atividade em arte-educação. A imagem, ou sensação, mais recorrente entre os grupos de estudantes foi a de se estar em um labirinto. Absortos nos exercícios de criação, muitas das vezes de teor narrativo, os estudantes imaginaram-se em um labirinto infinito, com ares sombrios ou sem visibilidade nenhuma (o abismo, nas palavras da artista). Algumas vezes imaginavam uma luz distante, mas que nunca era alcançada.

A instabilidade e ambiguidade das imagens são responsáveis pela sensação de vertigem, que também podem levar o observador a vislumbrar as intersecções da arte com outras áreas do conhecimento. Os projetos que acompanharam as obras, evidências desse vislumbre, trouxeram a consciência dos estudantes como, por exemplo, o uso da geometria pode servir para fins artísticos. Por essa razão, foi um privilégio ter a oportunidade de trabalhar em uma exposição que fugia às formas mais tradicionais de arte e que permitiu novas aproximações e abordagens para o trabalho em arte-educação.

Juliano Bernardo, arte-educador.

“Estamos próximos à praia, da sacada observamos o mar verde e uma ilha ao fundo, bem distante.

Está um dia nublado e o vento sopra nossos cabelos, o barulho das ondas soam como canção de ninar nos nossos ouvidos.

Uma voz ecoada grita meu nome, o coração acelera, já sei quem é!

Me aproximei do corrimão, meus olhos ávidos caçam por amor e logo o encontra.

Parado no térreo, no centro de tudo, olha para cima com duas xícaras de café na mão, aquele maravilhoso odor se mistura com seu perfume.

A cada degrau um pensamento, um sentimento e o medo.

Eram 300 degraus...”

Amanda, 16 anos; Renata, 17 anos e Nayara, 18 anos.

Narrativa criada a partir da obra *Escada Inexplicável III* (1999) da artista Regina Silveira.

“No dia 21 de setembro, recebemos um grupo do 9º ano do Colégio SESI de Ribeirão Preto. Conversamos brevemente sobre arte, sua importância, sobre os artistas – como vivem, como pensam e se existe a necessidade de manufatura para caracterizar uma obra de arte. Propus aos estudantes que traçassem o perfil da artista Regina Silveira, baseados somente em uma obra de arte a exposição. Para minha surpresa chegaram muito perto da realidade, sugerindo cabelos curtos, óculos e o gosto da leitura sobre arquitetura. No final, mostrei a todos uma foto recente da artista, o que causou grande satisfação nos estudantes ao verem que tinham “adivinhado” sua aparência.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

Eu ADOREI o resultado do Educativo, comprova que a escada é, de fato, um objeto filosófico!
Que poemas tão bonitos e como fazem pensar no futuro! E o retrato da artista? É muito divertido!!!
Meu abraço e agradecimentos ao Educativo.

Regina Silveira

Polaroid, Ana Sario – 25 de agosto a 15 de dezembro

As fotografias polaroides têm um caráter híbrido. Elas consistem na formação de uma imagem instantânea, podendo assim sofrer interferência do calor, da luz e do tempo. Além de tudo, elas são sempre uma surpresa, já que, ao contrário das câmeras digitais, a imagem não pode ser pré-visualizada, contendo uma unicidade em sua revelação. As pinturas da artista incorporam essa fotografia instantânea, reproduzindo imagens da internet como se fossem pequenas fotos polaroides.

Composta por 198 cenas que contaram muitas histórias, quando vistas em um conjunto. Como se fossem fragmentos de memórias colocados sobre uma superfície plana, onde suas pinceladas, cores e texturas evidenciaram os sentimentos presentes.

Organizada em uma linha que ocupava um espaço com seis paredes, a exposição permitiu que o espectador caminhasse de forma a visualizar todas as obras, quase como uma vinheta de filme. Foi gratificante ver a surpresa a cada descoberta feita sobre a pintura, o que levava as crianças a se encantarem e os adultos a se emocionarem, e não houve um que não se deixou levar pelas pequenas cenas.

Ingrid Ostan, arte-educadora.

“Lá estava eu calmamente andando com meus pensamentos, olhei para o céu, estava estrelado e de repente começaram a cair enormes meteoros. Um deles veio em minha direção, sai correndo o mais rápido possível, mas o impacto foi tão grande que dividiu o centro da terra, daí eu caí na grande cratera e disse: - Fuck you life – tomando um Soft Ice Cream.”

Rafael e Victoria, 15 anos.

Narrativa criada a partir das obras da exposição *Polaroid* (2018) da artista Ana Sario.



Estrutura Quadro: Trajetória em retrospectiva 1998 a 2018, Marcos Vinicius (São Paulo - SP, 1967) — 27 de outubro a 15 de dezembro

A exposição consistiu uma passagem pela trajetória do artista e foi exatamente esse percurso que tornou o espaço interessante para os visitantes, já que puderam observar com mais clareza, como um artista pode passar por diferentes fases em sua carreira e como as inspirações mudam.

Na exposição, era possível observar um espaço com obras neutras, o qual caminhava para uma explosão de cores. Outra importante característica do trabalho, é o uso de diversos materiais como metal, vidro e a madeira, o que fornece uma outra dimensão às obras, já que muitos grupos chegavam com a ideia de que o quadro era composto por apenas uma tela de tecido com uma moldura. Mostrar que arte não tem um material ou cor, certo ou errada; isso é indispensável para que o estudante amplie o olhar e crie um pensamento estético.

Ingrid Ostan, arte-educadora.

“Homem= cabelo marrom, longo e liso, alto, magro, tênis da mizuno, bermuda, camisa regata grande, usa brinco em uma orelha, tem óculos escuro Gucci, corrente de prata e pulseira.”

Arthur, 11 anos e Erick, 12 anos.

Perfil do artista criado a partir da obra *Agrupamento Horizontal* (2016) do artista Marcus Vinicius

Conversas Sobre Arte

“Não se acomodando às normas, a arte sempre se desvia por caminhos incontrolláveis, mesmo quando aparentemente obedece (...). Não devemos esquecer que há um poder “subversivo” mais profundo em sua insubordinação irreprimível.” Jorge Coli (Amparo - SP, 1947), professor.

“No decorrer dos anos, observei que o espaço do IFF proporciona algo que vai muito além do contato com a arte contemporânea: é também, em muitos casos, um momento de mudança no papel social. Independente da faixa etária, os visitantes são incentivados a expressar suas opiniões diante dos outros, a olhar com alteridade, sempre reconhecendo e respeitando diferentes pontos de vista.

É possível notar que, muitas vezes, as pessoas se surpreendem positivamente ao se deparar com as ideias dos colegas. Isso faz com que exista troca de conhecimentos e referências pessoais, criando conexões sólidas, além de expandir as possibilidades oferecidas por cada obra de arte em exposição. Após realizar o exercício de arte no território, os estudantes compreendem que cada obra oferece uma infinidade de interpretações as quais estão convidados a explorar e compartilhar.

O novo olhar, atento, transforma as percepções de cada um sobre sua própria vida, apresenta novas questões, causando dúvidas a respeito do que antes eram certezas. Acredito que este seja o principal objetivo nas experiências propostas pela equipe do Educativo IFF, tornando-se

importante no desenvolvimento, não só do pensamento crítico sobre as obras de arte e a própria arte contemporânea, mas sobre o mundo, a sociedade, o cotidiano e o ser humano.” **Caroline Heldes, arte-educadora.**

“Eu não procuro saber as respostas, procuro compreender as perguntas.”
Confúcio (Lu, 551 a.C. – 479 a.C.).

“Foi um ano rico em experiências devido à grande procura por parte das escolas e o crescimento de visitas espontâneas. Assim, pude explorar o lado poético dos visitantes, trabalhar a imaginação, a troca de ideias e contar um pouco mais sobre o IFF e sobre a arte contemporânea.

É indispensável a visita a locais educativos e ter esse contato fora da sala de aula, ver as obras de arte em suas proporções reais, texturas e cores. Trata-se de uma oportunidade única e que contribui para a aproximação do indivíduo com a arte.

Muitas pessoas nunca foram a uma exposição de arte e ver a surpresa ao serem recebidas pelo Educativo, torna tudo mais atraente e curioso, pois os visitantes têm a liberdade para demonstrar suas opiniões e

fazer seus questionamentos, criando uma forma de raciocínio e ao mesmo tempo respeito pelas diferenças.

Ter paciência em relação a alguns alunos específicos me trouxe um aprendizado e não a paciência por questões comportamentais, mas para entender que muitas vezes o tempo deles é diferente dos outros, e que eles podem não estar preparados para aquele momento.

Saber lidar com essa situação, sem desmotivar ou afastar o indivíduo do grupo, é essencial para que a pessoa, mesmo fora do espaço expositivo, perceba que é capaz de pensar profundamente sobre os temas abordados.” **Ingrid Ostan, arte-educadora.**

“Eu não sabia que gostava desse tipo de coisa.

A frase título foi dita por uma criança de 10 anos após conhecer o espaço e participar do programa educativo. Para ele, “coisas” como as que podemos ver no Instituto não existiam, ou se existiam, ficavam em outros países, nunca em Ribeirão Preto. Ele foi embora com a certeza de que é possível concretizar ideias e sonhos.

Como esse garoto, mais pessoas se surpreenderam e muitas voltaram em outras oportunidades, demonstrando que a transformação reverbera no cotidiano, e gera resultados também a médio e longo prazo. O IFF passou a ser um ambiente onde os visitantes se sentem familiarizados, mesmo aqueles que pensavam não entender ou se interessar por arte.

Por fim, essa proximidade atua também como inspiração. foram muitos os relatos de pessoas que, a partir da visita, começaram a produzir seus próprios trabalhos artísticos, colocando o IFF como parte da formação de uma nova geração

de artistas.” **Gil Neto, arte-educador.**

“Entre os dias 04 e 06 de setembro, aconteceu o VI Congresso Latino-Americano de Estudos Socioculturais do Esporte, nas estruturas do SESC e no campus da USP de Ribeirão Preto. Sabendo das minhas experiências esportivas, Vera Barros, coordenadora do Programa Educativo do IFF, pediu-me para participar dos encontros em seu lugar.

Durante os três dias de programação, foram apresentados trabalhos acadêmicos, conferências e mesas redondas que abordaram temas relacionados à iniciação, acesso, compreensão, hábitos esportivos; e como esses estímulos, que passam pela educação e promovem a prática esportiva, refletem na interação social, e podem gerar perspectivas profissionais para crianças e adolescentes.

É notável a importância de criar oportunidades de acesso e informação aos esportes, dentro de espaços acadêmicos, da maneira mais precoce possível; o que pode gerar interesses e estimular pesquisas que aumentem a compreensão histórica e domínio de regras.

Através dos temas abordados, consegui relacionar meu trabalho como arte-educador às minhas atividades pessoais de iniciação e alto rendimento esportivo, realizados no município de Sertãozinho, interior do estado de São Paulo. Diversas vezes, fui reconhecido por crianças e adolescentes que participaram dessas atividades e visitaram o IFF ao longo do ano, como por exemplo, alguns estudantes do projeto Curumim, do SESC Ribeirão Preto.

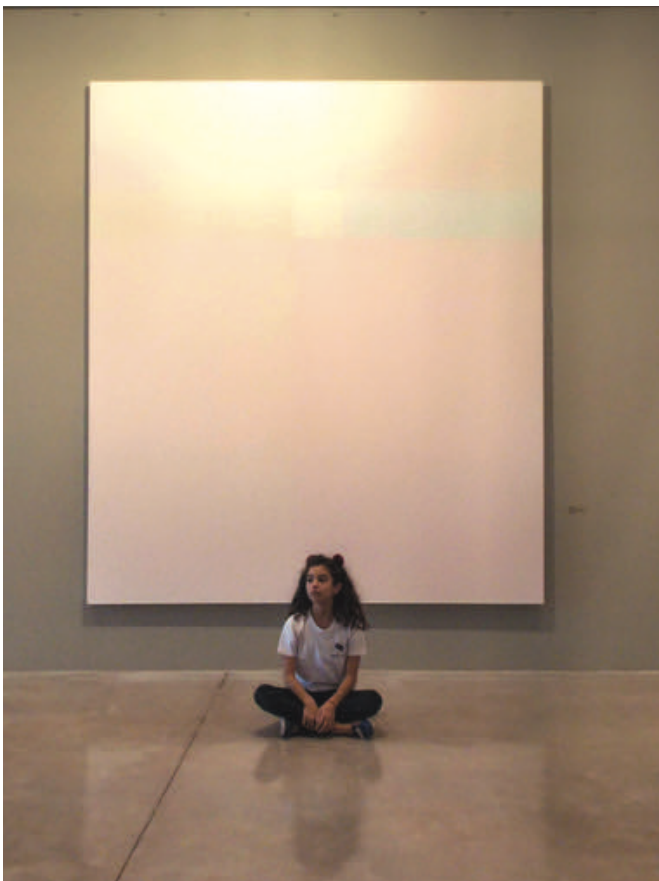
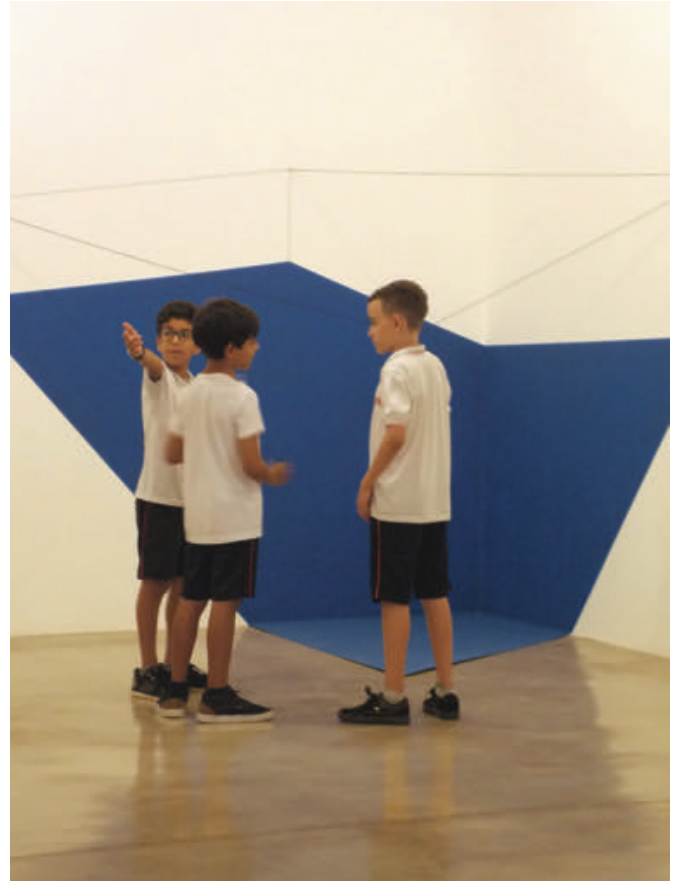
Crianças e jovens, o quanto antes apresentados aos diferentes tipos de arte, podem demonstrar familiaridade, facilidade de compreensão e talento.

É muito importante indicar caminhos, contextos históricos e questões centrais para estimulá-los.

Assim como os fenômenos esportivos tornaram-se essenciais para compreensão do mundo, as artes desempenham papel semelhante. Em ambos os casos pode-se aprofundar discussões, e ao compartilhar

experiências e conhecimentos, torna-se mais viável entender conceitos das sociedades contemporâneas.” **Pedro Toledo, arte-educador.**





Referências Bibliográficas²⁰

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da Criação Verbal. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. A aventura semiológica. Lisboa: Edições 70, 1987. Prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- BETTELHEIM, Bruno. A Psicanálise dos Contos de Fadas. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BEUTENMÜLLER, Alberto. Lydia Okumura e o ponto-de-fuga. Galeria de Arte São Paulo, 1984. São Paulo – SP.
- BOURRIAUD, Nicolas. Estética relacional. São Paulo: Martins Fontes, 2009a. (pág. 4).
- CHIARELLI, Tadeu. Shirley Paes Leme: Notas sobre a artista quando (muito) jovem. In: LEME, Shirley P.; CHIARELLI, Tadeu (Org.). São Paulo: Editora Alfabeta, 2012.
- CHIRELLI, T.; VENANCIO, P.; MAMMÌ, L.; FERREIRA, JOSÉ B. Paulo Pasta. Cosac Naify. São Paulo – SP.
- COELHO, Beth. Contar histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 2001.
- DONDIS, Donis. Sintaxe da Linguagem Visual. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FERNANDES, Cláudio. Escola Kids » A importância da narrativa para a história. Disponível em: <<https://escolakids.uol.com.br/a-importancia-da-narrativa-para-a-historia.htm>> Acesso em: 18 jul. 2018.
- FREIRE, P. (1997). Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- GAINZA, María. Dr. Duville, I presume? In: DUVILLE, Matías. Matías Duville: Esto fue otro lugar. 1ª Ed. Buenos Aires: Alberto Sendros, 2011.
- PASTA, P. A Educação pela Pintura: 1. Ed. WMF Martins Fontes, 2012. São Paulo – SP.
- VILLARDI, Raquel. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Zeus, 2000.

²⁰ Referência bibliográfica dos projetos autorais disponível em QR Code na página 32 desta publicação.

Um pouco sobre Ribeirão Preto

Ribeirão Preto é um município no interior do estado de São Paulo, Região Sudeste do país, fundada em 1856. Sua população foi estimada pelo IBGE em 694.534 habitantes em 2018. Na década de 1870 o município de Ribeirão Preto começou a fazer parte da frente de expansão cafeeira e no começo do século XX, a cidade passou a atrair imigrantes, que foram trabalhar na agricultura ou nas indústrias. Ainda no início do século XX a cidade foi considerada o “berço da imigração japonesa”, por receber uma parte dos primeiros imigrantes que chegaram ao Brasil. Na segunda metade do século, foram incrementados investimentos nas áreas de saúde, biotecnologia, bioenergia e tecnologia da informação e também foi construído o Edifício Diederichsen, o primeiro edifício da cidade e considerado por alguns historiadores o primeiro prédio multifuncional do estado de São Paulo e em 2010, a cidade foi declarada como “polo tecnológico”. Essas atividades atualmente fazem com que Ribeirão Preto tenha o 24º maior PIB brasileiro. Por ter sido sede da Companhia Antarctica Paulista e por ter uma das mais famosas choperias do Brasil, a Choperia Pinguim, ficou conhecida também, como a “Capital do Chope”; assim como já foi, anteriormente, denominada “Capital do Café”.

A cidade conta com vários espaços dedicados à realização de eventos culturais: O teatro de ópera Pedro II, é considerado o terceiro maior da categoria no Brasil; o Teatro Municipal, inaugurado em 1969 com linhas modernas e o Teatro de Arena, fundado no mesmo ano. A Secretaria da Cultura conta ainda com seis centros culturais distribuídos pela cidade, neles são realizados cursos e atividades relacionadas ao artesanato, música, dança e culinária. A Escola de Arte do Bosque/Cândido Portinari é outro espaço cultural que se destaca. Ribeirão Preto também conta com um dos maiores cineclubes do país, o Cineclubes Cauim.

A cidade recebe também dois grandes eventos anuais: a Feira Nacional do Livro de Ribeirão Preto e a tradicional Agrishow, que movimentou em 2018, mais de R\$ 2,7 bilhões de reais, atraindo público 159 mil visitantes de inúmeros países.

Curiosidades

- Em 1887, a Câmara Municipal realizou um dos atos de maior relevância de sua história, quando os vereadores aprovaram, por unanimidade, em 3 de agosto daquele ano, a libertação dos escravos em Ribeirão Preto, antes mesmo da entrada em vigor da Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888.
- A cidade também conta com um dos campus da Universidade de São Paulo (USP), diretamente ligado à história da cidade. Em janeiro de 1942 foi lançada a pedra fundamental da escola, dando início à construção dos prédios hoje usados pela USP. Engloba as Escolas de Enfermagem, de Educação Física e Esporte, as Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, de Medicina, de Odontologia, de Ciências Farmacêuticas, de Direito e de Economia, Administração e Contabilidade. No campus encontra-se, também, a Prefeitura, o Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, o Centro de Medicina Legal e um Hemocentro, que são ligados à Faculdade de Medicina.

Ribeirão Preto ainda possui uma banda de monumentos históricos, atrativos naturais e lugares para visita:

- ARTER Atelier de criação em artes plásticas e fotografia
- Avenida Nove de Julho
- Casa da Cultura
- Casa da Memória Italiana
- Catedral Metropolitana De São Sebastião
- Centro de Arte Contemporânea W
- Galeria de Arte Toia Fonseca
- Galeria Marcelo Guarniere
- Igreja Matriz Santo Antônio
- Museu da Imagem e do Som
- Museu de Arte de Ribeirão Preto Pedro Manuel-Gismondi (MARP)
- Museu de Ordem Geral
- Museu do Café Francisco Schimdt
- Museu Histórico e de Ordem Geral Plínio Travassos dos Santos
- Museu Histórico Faculdade de Medicina da Ribeirão Preto - USP
- Palácio Rio Branco
- Paróquia Nossa Senhora do Rosário
- Quarteirão Paulista (Teatro Pedro II, Palace Hotel e o Edifício Meira Júnior, onde funciona a Choperia Pinguim e a Praça XV de Novembro)
- Santuário das Sete Capelas
- Sesc – Ribeirão Preto

Conheça nossos parceiros

Atelie Da Praça

<https://www.ateliedapracarp.com.br/>

Associação dos Deficientes Visuais de Ribeirão Preto - ADEVIRP

<http://www.adevirp.com.br/>

Colégio Bento Benedini

<http://www.bentobenedini.com.br/>

Escola Arte do Museu

<https://artedomuseu.com.br/>

ETEC Prof. Alcídio de Souza Prado Orlândia/SP

<http://home.etecalcidio.com.br/>

Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto USP - Terapia Ocupacional

<http://www.hcrp.usp.br/sitehc/>

Oficina Literária Puntel

<http://www.puntel.com.br/>

ONG Maria Alice Claret

<http://www.ocsamc.org.br/>

Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

<http://www.educacao.sp.gov.br/>

Secretaria Municipal da Educação

<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Home/Index/>

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial SENAC

<http://www.sp.senac.br/>

Serviço Social da Indústria SESI

<https://ribeiraopreto.sesisp.org.br/>

Serviço Social do Comércio SESC

<https://www.sescsp.org.br/>

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto

<http://www.sbprp.org.br/site/>



Venha visitar nossas exposições e participar da nossa programação.

A ENTRADA É GRATUITA
Terça-feira a sábado, das 14h às 18h
(16) 3623 2261

Rua Maestro Ignácio Stábile, 200
Alto da Boa Vista, Ribeirão Preto/SP
www.iff.art.br

Realização

